

É A ONDA POPULISTA NAS AMÉRICAS UM MESMO FENÔMENO? UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DAS ATITUDES POPULISTAS DOS CIDADÃOS¹

¿ES LA RONDA POPULISTA EN LAS AMÉRICAS EL MISMO FENÓMENO? UN ESTUDIO EXPLORATORIO DE LAS ACTITUDES POPULISTAS DE LOS CIUDADANOS

IS THE POPULIST WAVE IN THE AMERICAS THE SAME PHENOMENON? AN EXPLORATORY STUDY OF CITIZENS' POPULIST ATTITUDES



Valeria CABRERA²
e-mail: valeriocabreira@gmail.com



Fabiola Brigante DEL PORTO³
e-mail: delporto@unicamp.br

Como referenciar este artigo:

CABRERA, V.; DEL PORTO, F. B. É a onda populista nas américas um mesmo fenômeno? Um estudo exploratório das atitudes populistas dos cidadãos. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 34, n. 00, e025007, 2025. e-ISSN: 2236-0107. DOI: 10.14244/tp.v34i00.1081



| Submetido em: 18/11/2023
| Revisões requeridas em: 27/02/2024
| Aprovado em: 17/05/2024
| Publicado em: 14/08/2025

Editora: Profa. Dra. Simone Diniz

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Este artigo apresenta resultados da pesquisa de pós-doutorado da primeira autora, intitulada “Qualidade da democracia em análise comparada: as condições da democracia partidária e as possibilidades do partidarismo” (processo n.º 2021/15152-7).

² Mestre e doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisadora de pós-doutorado no Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP/Unicamp), Campinas– São Paulo (SP) – Brasil.

³ Graduada em Ciências Sociais. mestre e doutora em Ciência Política, todos pela UNICAMP. Pesquisadora “C” do Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop/Unicamp) e Editora Associada da Revista OPINIÃO PÚBLICA, publicação do Cesop.

RESUMO: Este artigo busca contribuir para o debate acerca da validade de medidas empíricas de atitudes populistas para mensurar a difusão do fenômeno em nível individual. Para isso, consideramos dados pós-eleitorais coletados no Brasil (2018), no Chile (2017), na Costa Rica (2019), em El Salvador (2021), no Peru (2021), no México (2019), no Uruguai (2019) e nos Estados Unidos (2016) pelo *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) e avaliamos como atitudes políticas relacionadas ao populismo se associam, formando diferentes expressões do fenômeno na opinião pública. Analisamos se as dimensões atitudinais planejadas para o Módulo 5 do CSES (antielitismo, desafios à democracia representativa e rejeição a grupos externos) confirmam-se na prática e, além disso, verificamos as semelhanças e diferenças na composição dos mapas atitudinais do populismo nos distintos contextos. Nossa análise revelou que, apesar de algumas especificidades nos diferentes países, de modo geral, as atitudes políticas referentes ao populismo se organizaram em torno das dimensões planejadas. As atitudes antielites foram preponderantes na América Latina, enquanto, nos Estados Unidos, destacaram-se as atitudes anti-imigrantes e os desafios à democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Antielitismo. Anti-imigração. Rejeição a minorias. Apoio a líder forte. Populismo.

RESUMEN: Este artículo busca contribuir al debate sobre la validez de medidas empíricas de actitudes populistas para medir la difusión del fenómeno a nivel individual. Para ello, consideramos datos postelectorales recopilados en Brasil (2018), Chile (2017), Costa Rica (2019), El Salvador (2021), Perú (2021), México (2019), Uruguay (2019) y en Estados Unidos (2016) por el *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) y evaluamos cómo las actitudes políticas relacionadas con el populismo se asocian para formar diferentes expresiones del fenómeno en la opinión pública. Analizamos si las dimensiones actitudinales previstas para el Módulo 5 del CSES (antielitismo, desafíos a la democracia representativa y rechazo a grupos externos) se confirman en la práctica y, además, verificamos las similitudes y diferencias en la composición de los mapas actitudinales de Populismo en diferentes contextos. Nuestro análisis reveló que, a pesar de algunas especificidades en diferentes países, en general, las actitudes políticas respecto al populismo se organizaron en torno a las dimensiones planificadas. Las actitudes anti-élite fueron preponderantes en América Latina, mientras que las actitudes antiinmigrantes y los desafíos a la democracia fueron preponderantes en Estados Unidos.

PALABRAS CLAVE: Antielitismo. Antiinmigración. Rechazo a las minorías. Apoyo a un líder fuerte. Populismo.

ABSTRACT: This article seeks to contribute to the debate about the validity of empirical measures of populist attitudes to measure the diffusion of the phenomenon at the individual level. To do this, we consider post-election data collected in Brazil (2018), Chile (2017), Costa Rica (2019), El Salvador (2021), Peru (2021), Mexico (2019), Uruguay (2019) and in the United States (2016) by the *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) and we evaluated how political attitudes related to populism are associated to form different expressions of the phenomenon in public opinion. We analyze whether the attitudinal dimensions planned for Module 5 of the CSES (anti-elitism, challenges to representative democracy, and rejection of external groups) are confirmed in practice, and, in addition, we verify the similarities and differences in the composition of attitudinal maps of populism in different contexts. Our analysis

revealed that, despite some specificities in different countries, in general, political attitudes regarding populism were organized around the planned dimensions. Anti-elite attitudes were preponderant in Latin America, while anti-immigrant attitudes and challenges to democracy were preponderant in the United States.

KEYWORDS: Anti-elitism. Anti-immigration. Rejection of minorities. Support for a strong leader. Populism.

Introdução

Diferentes estudos (Akkerman *et al.*, 2014; Castanho Silva *et al.*, 2020; Jungkunz *et al.*, 2021) encontraram resultados opostos sobre o poder explicativo de atitudes políticas relacionadas ao populismo diante da recente ascensão ao poder de líderes populistas autoritários por via eleitoral. Nesse cenário, tornou-se proeminente a relevância do contexto eleitoral para explicar o êxito de diferentes expressões de populismo (Jungkunz *et al.*, 2021). Incluído nisso, importa avaliar as diferenças de atitudes dos indivíduos de sociedades distintas para explicar o êxito de expressões locais de populismo.

Para mensurar atitudes populistas, o Módulo 5 do Comparative Studies of Electoral Systems (CSES) incluiu em seu questionário uma bateria dividida em três temas atinentes ao fenômeno: 1) a relação do público com as elites políticas, 2) atitudes que desafiam a democracia representativa em relação à regra da maioria e 3) percepções sobre grupos externos, representados pelos imigrantes. O desenho dessa pesquisa, elaborado por Hobolt *et al.* (2016), baseia-se na abordagem ideacional de populismo, a qual também adotamos aqui. Entretanto, acrescenta algumas atitudes que, embora façam parte do contexto favorável à recente oferta de candidaturas populistas de direita, extrapolam o chamado núcleo restrito do populismo, que qualifica o fenômeno como *thin-centred ideology* (Mudde, 2004).

Neste artigo, utilizamos o conjunto de dados sobre atitudes populistas do CSES para verificar como essas atitudes se distribuem em distintas sociedades. São considerados dados pós-eleitorais coletados no Brasil (2018), no Chile (2017), na Costa Rica (2019), em El Salvador (2021), no Peru (2021), no México (2019), no Uruguai (2019) e nos Estados Unidos (2016). Em todos os países, os contextos eleitorais incluíram candidaturas fortes com discurso que rejeita as elites que estão no poder e desafia a democracia representativa. Além disso, salvo no México, as candidaturas apresentaram também características antipluralistas⁴.

⁴ Seleccionamos todos os países latino-americanos presentes no Módulo 5 do CSES e optamos por adicionar a eleição de 2016 nos Estados Unidos para termos o contraponto necessário à testagem de nossa hipótese. Entre outros casos contemplados pelo CSES, decidimos pelos Estados Unidos em razão do contexto da eleição de Donald Trump.

Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 34, n. 00, e025007, 2025. e-ISSN: 2236-0107
DOI: 10.14244/tp.v34i00.1081

Analisamos se as atitudes políticas que compõem a mensuração de populismo do CSES acompanham, na prática, o desenho proposto por Hobolt *et al.* (2016). Por meio de análise fatorial, exploramos as semelhanças e diferenças na forma como tais atitudes se combinam estatisticamente, formando diferentes dimensões do fenômeno enquanto categorias empíricas e, ao mesmo tempo, examinamos quais temas relacionados ao populismo se destacam na opinião pública nos distintos contextos. Nossas hipóteses sugerem que: 1) as atitudes políticas que compõem a mensuração de populismo formam as dimensões planejadas (antielitismo, desafios à democracia representativa e rejeição a grupos externos) por Hobolt *et al.* (2016), mas essas não se ordenam do mesmo modo nos vários países, o que reflete as importâncias distintas dos temas em cada cenário; 2) o antielitismo é a dimensão sobressalente nos países latino-americanos, mas não nos Estados Unidos, onde as opiniões negativas sobre imigrantes devem ser preponderantes; e 3) os desafios à democracia representativa aparecem em segundo plano em todos os países, mas, ainda assim, apresentam maior relevância nos países latino-americanos do que nos Estados Unidos.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos o conceito de populismo de Mudde, com base no qual as medidas do CSES foram criadas e que adotamos neste artigo; na segunda seção, descrevemos o contexto eleitoral dos países selecionados; em seguida, apresentamos as variáveis e a metodologia utilizada; por último, mostramos os resultados encontrados, que confirmam, em parte, as nossas hipóteses.

Diferentes expressões de populismo e hipóteses

O conceito de populismo tem sido objeto de divergência na Ciência Política, principalmente em razão da dificuldade dos autores de diferentes vertentes teóricas de encontrar um núcleo temático comum que se adeque às diferentes experiências práticas. A questão fundamental do debate gira em torno da ideia de que o populismo tem camadas associadas a contextos locais e temporais específicos, o que dificulta a generalização de características populistas e, em consequência, a formulação de uma definição universal suficientemente abrangente. A demarcação do limite entre o populismo e outros fenômenos políticos está no cerne desse impasse.

Trump naquele ano, que se tornou, possivelmente, o caso mais emblemático da ascensão da extrema-direita populista ao poder em sociedades de democracias avançadas.

Esse debate tem levado à reflexão acerca dos reais riscos oferecidos pelo populismo à democracia. Avaliar essa questão requer, entretanto, dissociar o fenômeno de atributos frequentemente relacionados às experiências práticas (Mudde; Kaltwasser, 2012). Os temas relevantes em contextos determinados ajudam a compreender particularidades, as quais, uma vez identificadas, contribuem para discriminar elementos generalizáveis do fenômeno. Por conseguinte, é crucial notar que o populismo tem sido uma ferramenta utilizada por políticos de diferentes posicionamentos ideológicos justamente por não ter qualquer compromisso com valores-chave (Taggart, 2000).

Por exemplo, os partidos populistas de extrema-direita na Europa convergem em torno de uma ideologia central que incorpora elementos de nacionalismo, autoritarismo e populismo. Em contrapartida, na América Latina, o fenômeno tem se acomodado de maneira versátil tanto ao neoliberalismo quanto à promoção do papel estatal na economia (Mudde; Kaltwasser, 2012). Ainda na experiência latino-americana, também tem sido comum a figura de líderes carismáticos. Nos Estados Unidos, por sua vez, pelo menos até o século XIX, não havia liderança preponderante. Assim, o populismo aparece não apenas em muitos lugares e épocas, mas também em diferentes formas (Taggart, 2000).

Principalmente a partir dos anos 2000, alguns dos principais teóricos ocidentais do populismo (Canovan, 2005; Mudde, 2004; 2017; Mudde; Kaltwasser, 2012; 2013; Panizza, 2005; Taggart, 2000) aderiram a um consenso sobre a necessidade de definir um conceito mínimo para analisar adequadamente o fenômeno em suas várias expressões. Com isso, em especial, a noção de que todas as formas de populismo envolvem algum tipo de apelo ao povo e manifestam-se em rejeição às elites, vistas como minorias detentoras do poder em prejuízo do povo, predominou (Canovan, 1984). Entretanto, as categorias povo e elites têm seus significados sempre definidos pelos líderes populistas nas mais diversas experiências do fenômeno.

Como consequência, a experiência populista revela formas contrastantes de reivindicar a representação do povo, que é posto no centro do debate, mas com frequência sob diferentes definições. Assim, não obstante o povo seja apresentado de maneira comum como uma identidade política coletiva, refere-se a diferentes coletividades em experiências distintas (Canovan, 2005). Nessa esteira, Taggart (2000) acrescentou a noção de que a análise do fenômeno é mais produtiva ao tomar-se o compromisso com o povo como derivado da sensação de *heartland*, isto é, da concepção idealizada de comunidade, de onde os populistas extraem

seus valores e a visão acerca do seu eleitorado. Com isso, não há similaridade entre o conteúdo das práticas populistas de apelo ao povo que permita identificar o populismo a partir dele.

Para Taggart (2000), uma característica generalizável, entretanto, é que a representação política é o espaço de expressão do populismo. Ou seja, a política representativa está sempre sujeita ao aparecimento do populismo, na medida em que líderes com características associadas ao fenômeno envolvem-se na disputa por cargos de poder e na tomada de decisão justamente ao reconhecer crises no processo de representação. Por isso, tais líderes evitariam aprofundar-se em temas complexos atinentes à estrutura da representação democrática, agindo de forma simplista para enfatizar as deficiências da política representativa. Mudde e Kaltwasser (2012) veem como exagerada, entretanto, a interpretação de que, em razão disso, o populismo seria prejudicial à democracia representativa, uma vez que os populistas não se opõem à representação pelo povo, mas sim pela elite.

Nesse contexto, ganhou espaço uma abordagem específica do fenômeno como conjunto de ideias refletindo uma forma comum de ver o mundo dividido pela luta maniqueísta entre as vontades das pessoas comuns e da elite. Essa abordagem, conhecida como ideacional, evitou associar o populismo a recursos materiais ou organizacionais, como a liderança carismática ou determinado perfil de políticas econômicas (Hawkins; Kaltwasser, 2018). Segundo Mudde (2017), muitos teóricos utilizam abordagens ideacionais, a exemplo de Ernesto Laclau, para quem populismo é essencialmente discurso; de Panizza, que vê o populismo como uma forma de identificação; e de Kazin, que o entende como linguagem. Seja qual for a definição adotada, todos esses autores consideram que o populismo trata de ideias sobre o povo e a elite.

Sob essa perspectiva, Mudde (2004; 2007; 2017) é responsável por uma das definições ideacionais mais célebres atualmente. Segundo o autor, o populismo é um conjunto de ideias que divide o mundo com base na moralidade, de modo que a defesa do povo puro contra a elite corrupta está associada a “fazer a coisa certa”, o que somente é possível na medida em que a categoria povo é tomada como homogênea. Assim, o populismo é definido como “uma ideologia que considera, em última análise, a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagonísticos, ‘o povo puro’ versus ‘a elite corrupta’, e que argui que a política deve ser uma expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo” (Mudde, 2004, p. 543, tradução nossa).

A abordagem ideacional reconhece a existência de populismos distintos e sustenta que, apesar de o populismo instigar uma luta maniqueísta entre o bem e o mal, na prática a sua combinação com outras ideologias pode amenizar prejuízos à política democrática existente hoje no Ocidente. Se a ideologia de líderes e grupos populistas incluir características pluralistas,

o populismo, então, torna-se uma característica ideológica frágil desses atores. Em contrapartida, a combinação com o nacionalismo, por exemplo, adquire caráter excludente, pois tende a separar minorias étnicas e imigrantes da noção de povo (Mudde, 2004; 2017).

Assim, embora adotemos o conceito de populismo de Mudde (2004), devemos esclarecer que os diferentes conceitos da abordagem ideacional tendem a atender ao consenso dos principais teóricos ocidentais sobre o tema em relação às características centrais do populismo, a fim de que seja possível criar um parâmetro para as pesquisas empíricas nas diversas regiões do mundo, apesar das especificidades dos casos práticos. Nesse aspecto, a assunção de um núcleo restrito, ao qual o conceito mínimo se dedica a definir, propõe-se a desviar a análise empírica da flexibilidade ideológica das distintas experiências populistas. A ideia é que o conceito possibilite investigar exclusivamente a influência desse núcleo restrito sobre a política representativa, de forma que o impacto de ideologias acessórias, que marcam as experiências locais e temporais, fique em segundo plano (Mudde; Kaltwasser, 2012).

Considerando as diferentes expressões que o populismo assume em contextos locais, Hobolt *et al.* (2016) definiram as atitudes populistas dos cidadãos a partir de um construto tridimensional que abrange visões críticas das elites políticas; rejeição a grupos externos; e atitudes que desafiam a democracia representativa (ver Quadro 1 na Seção 3). Segundo os autores, ainda que tais atitudes extrapolem a noção de populismo como *thin-centred ideology*, a análise combinada dessas três dimensões em diferentes contextos permitiria avançar na compreensão das variações das atitudes populistas em suas experiências práticas, que podem ou não aparecer em diferentes contextos.

Com esse enfoque ampliado, Quinlan e Tinney (2019) estudaram o impacto de atitudes populistas na eleição para presidente nos Estados Unidos e na eleição geral na Irlanda, ambas em 2016, a partir de resultados da quinta onda do CSES. Neste estudo, além da rejeição às elites políticas, foram incluídas variáveis que buscavam captar sentimento anti-imigrantes, sentimentos nativistas e apoio a um líder forte que subverta as leis (o qual, segundo os autores, representaria a liderança que “sabe” o que o povo quer e torna seus desejos realidade). Cada uma dessas dimensões foi adicionada separadamente em modelos logísticos explicativos do voto, modelos esses que contaram ainda com variáveis tradicionalmente associadas à escolha eleitoral — avaliação retrospectiva da economia, autolocalização ideológica e identificação partidária.

Os resultados mostraram que pelo menos uma das atitudes populistas teve impacto sobre a escolha eleitoral em cada um dos países: nos Estados Unidos, os sentimentos anti-imigrantes,

os sentimentos nativistas e o apoio ao líder forte tiveram, nessa ordem nos respectivos modelos, efeito sobre o voto reportado para presidente em 2016. Por outro lado, o efeito do antielitismo político foi fraco e não significativo. Já na Irlanda, apenas o antielitismo político contribuiu, e de modo expressivo, para explicar o voto.

Ainda que, nos dois casos, o papel de quaisquer dimensões atitudinais populistas sobre o voto tenha sido diminuto frente às demais variáveis explicativas, os resultados apontaram para a plausibilidade da ideia de que uma onda populista enquanto oferta era favorecida por atitudes populistas do público. Isso porque nenhum dos dois países é tradicional e historicamente associado ao populismo. Ademais, como foram diferentes atitudes populistas que se associaram ao voto nos dois países, Quinlan e Tinney (2019) apontaram para a necessidade de uma visão mais nuançada da ideia de que haveria uma única onda populista em curso.

Paralelamente, o estudo de Jungkunz *et al.* (2021), que procurou compreender a influência das atitudes do núcleo restrito de populismo, centradas na relação do público com as elites políticas, sobre o voto em diferentes contextos, também ressaltou a existência de variedades de populismo em diferentes contextos sociais e políticos no cenário atual. Comparando resultados da quinta onda do CSES para trinta países, o estudo demonstrou que tais atitudes apenas explicavam o apoio a partidos e líderes populistas enquanto estes se apresentavam como candidatos opositoristas; porém, falhavam quando se tratava de explicar o voto em lideranças populistas no poder. Nesses casos, quanto maior o sentimento de antielitismo político, menor foi a chance de votar em líderes populistas.

Tendo em vista esses resultados, examinamos neste artigo se o construto tridimensional desenhado por Hobolt *et al.* (2016) para a mensuração das atitudes relacionadas ao populismo (Quadro 1, adiante) se estabelece na prática e, além disso, analisamos as semelhanças e diferenças na composição dos mapas atitudinais do fenômeno nos vários países. Nossas hipóteses são que: primeiro, o construto de Hobolt *et al.* (2016) ajusta-se, sim, aos diferentes contextos analisados, mas que as dimensões propostas (atitudes sobre elites políticas, desafios à democracia representativa e atitudes sobre grupos externos) ordenam-se de modo distinto nos vários países. Segundo, supomos que atitudes críticas em relação às elites políticas sejam a dimensão sobressalente nos países latino-americanos, enquanto, nos Estados Unidos, opiniões negativas sobre imigrantes sejam as preponderantes. Terceiro, os desafios à democracia representativa devem aparecer em segundo plano em todos os países, mas, ainda assim,

apresentar maior relevância nos países latino-americanos do que nos Estados Unidos, tendo em vista o histórico de crises político-institucionais e de rupturas democráticas nos primeiros.

Contexto

Os países incluídos na análise⁵ permitem comparar como o fenômeno populista-autoritário se estabelece nas percepções dos cidadãos de diferentes contextos: Brasil, Chile e Uruguai são democracias recentes, estabelecidas após ditaduras civil-militares de direita, e que, nas eleições em estudo, assistiram à ascensão da extrema-direita ou da direita conservadora; a Costa Rica é o país latino-americano de democracia mais longa, mas que, nos últimos anos, também vive cenário de instabilidade política; El Salvador protagonizou a vitória de candidato com discurso antielites e antipolítica em oposição aos dois principais partidos que protagonizaram as eleições presidenciais nos trinta anos anteriores; o México, diante da crise de segurança pública e de escândalos de corrupção que envolveram não apenas o partido governista como seu tradicional opositor, elegeu político conhecido, mas ligado a partido menor; o Peru, onde, além dos problemas econômicos, de segurança pública e de escândalos de corrupção, o contexto eleitoral foi marcado pela grave crise do coronavírus; por fim, os Estados Unidos, onde Donald Trump venceu em 2016.

Detalhamos a seguir aspectos contextuais de cada um dos países.

Brasil

O tema do populismo não despertou o interesse de estudiosos brasileiros até a eleição geral de 2018 no período democrático recente, quando Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República (Tamaki; Fuks, 2020). Ao adotar retórica semelhante à de Donald Trump, cuja eleição havia representado a chegada de uma onda global de ascensão de políticos populistas de extrema-direita ao centro da economia mundial, a vitória de Bolsonaro acendeu, em consequência, o alerta sobre a viabilidade eleitoral de líderes com tais características na América Latina.

O Brasil vinha passando por um período de crise política há alguns anos, somando problemas econômicos, escândalos de corrupção e manifestações populares em massa, o que culminou com o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) menos de dois anos após sua

⁵ Ver nota 1.

reeleição. O vice-presidente, Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro), assumiu o poder e governou o país sob muitas críticas e resultados insuficientes (Hunter; Power, 2019). A insatisfação popular generalizada com a classe política formou terreno propício para a ascensão de Bolsonaro, líder supostamente *outsider*⁶, que se opunha às políticas socialmente liberais adotadas pelos governos petistas, e linha-dura (o ex-capitão apresentava discurso de nostalgia em relação ao regime militar brasileiro e de menosprezo aos mecanismos e instituições da democracia).

Sob uma perspectiva socialmente conservadora, Bolsonaro construiu a noção de “povo” englobando na categoria todos aqueles que preservavam os valores cristãos tradicionais, enquanto a elite corrupta incluía todos os que contribuíram para o enfraquecimento desses valores, em especial a esquerda e, preferencialmente, o PT (Tamaki; Fuks, 2020).

Chile

O Chile tem partidos políticos de direita, originados no período da ditadura do general Pinochet, estabelecidos e competitivos: o Renovación Nacional (RN) e o Unión Demócrata Independiente, que com frequência formam aliança nas eleições chilenas. Ao mesmo tempo em que essa origem facilitou a relação desses partidos com certos setores da sociedade, como o empresarial, limitou sua expansão eleitoral entre votantes favoráveis à democracia, que não aceitam em nenhuma hipótese violação de direitos humanos (Rovira Kaltwasser, 2019).

Em 2017, diante de cenário de intensa insatisfação popular com o segundo mandato da socialista Michelle Bachelet (2014-2017), Sebastián Piñera, candidato de centro-direita do Renovación Nacional (RN), foi reconduzido à presidência do Chile (empresário e representante da direita conservadora, mas crítico da ditadura de Pinochet, Piñera havia antecedido a socialista no governo nacional — 2010-2013 — sendo o primeiro presidente de direita após o período ditatorial). Assim, a direita se manteve competitiva ao longo dos anos por ter se moderado, a fim de acompanhar as mudanças na sociedade chilena. Em 2017, a vitória de Piñera teve o apoio de setores radicalizados e moderados da direita na coalizão “Vamos Chile” (Rovira Kaltwasser, 2019). Formada para derrotar o governo Bachelet, a coalizão prometia crescimento econômico, redução do desemprego e segurança, em contexto em que a reforma da Lei de

⁶ Mesmo tendo sido deputado federal por 28 anos, Bolsonaro conseguiu se apresentar como outsider e convencer sobre a sua contraposição às elites políticas no ensejo dos 14 anos em que o PT esteve no poder.

Migrações estava em debate e passava a ser objeto de atenção pública, tendo em vista o aumento da presença de imigrantes no país, sobretudo desde os anos 2010 (Villanueva, 2018).

Costa Rica

Um dos principais aspectos que caracterizou os últimos anos da política da Costa Rica foi a reação religiosa ao avanço da laicidade do Estado, que gerou, por exemplo, críticas às políticas estatais de educação sexual, aos direitos das mulheres e à chamada ideologia de gênero. A Igreja Católica, respaldada por grupos ultraconservadores, como o Opus Dei, passou a exercer pressão sobre as autoridades e a mobilizar os fiéis contra esses temas, enquanto setores evangélicos cresceram e passaram a ganhar influência, inclusive por meio da criação de partidos políticos. Em 2018, os setores religiosos, em aliança, tiveram êxito em concentrar o debate eleitoral na disputa sobre os direitos da diversidade sexual, o que foi acirrado pela resolução da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), que decidiu a favor do casamento de pessoas do mesmo sexo na Costa Rica duas semanas antes da eleição (Villena Fiengo, 2018).

Embora derrotado pelo candidato governista de centro-esquerda Carlos Alvarado (Partido da Ação Cidadã – PAC), Fabricio Alvarado, candidato do Partido Restauración Nacional (PRN), foi o vencedor do primeiro turno. Associado a grupos religiosos evangélicos neopentecostais, Fabricio Alvarado sequer aparecia nas pesquisas de intenção de voto no ano anterior. No entanto, despontou quando o governo realizou a consulta à CIDH, o que foi amplamente divulgado na imprensa e aproveitado pelo PRN e seus apoiadores na campanha de Fabricio Alvarado⁷.

El Salvador

A criminalidade e a corrupção eram os problemas centrais de El Salvador na eleição (2019), em que Nayib Bukele ascendeu ao poder pelo Gran Alianza por la Unidad Nacional, partido conservador e de direita populista nacionalista. Na ocasião, embora não pudesse ser considerado exatamente um político de carreira recente⁸, Bukele se apresentou como candidato

⁷ Durante a campanha eleitoral de 2022, embora o tema dos direitos sexuais tenha se mantido, deixou de centralizar o debate político (Díaz-Gonzalez, 2022).

⁸ Bukele ocupou seu primeiro cargo político em 2012, quando venceu como “alcalde” do pequeno município de Nuevo Cuscatlán, ainda como candidato de centro-esquerda pela Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional. Apesar de aparecer como a renovação progressista da política, em poucos meses passou a atuar de maneira

outsider em contexto em que os dois principais partidos políticos (Alianza Republicana Nacional [ARENA] e a Frente Farabundo Martí de Libertación Nacional [FMLN]) apresentavam graves problemas de legitimidade (Masek; Aguasvivas, 2021).

Segundo Masek e Aguasvivas (2021), após um golpe militar em 1979 e intenso conflito armado nos anos 1980, os acordos de paz de 1992 converteram El Salvador em modelo de transição para uma democracia imperfeita, mas estável, caracterizada por um bipartidarismo constante, baseado nas duas forças que até então se enfrentavam pelas armas. Todavia, a ARENA, o partido conservador, manteve o poder por duas décadas e apenas em 2009 a FMLN, esquerdista, conquistou a presidência.

Diante de escândalos de corrupção envolvendo ex-presidentes das duas agremiações, bem como da incapacidade de ambas de resolverem a violência sistêmica, Bukele obteve êxito ao manter associação vaga tanto com a esquerda como com a direita, apesar da sua retórica sempre agressiva e disruptiva em relação aos adversários. Ainda, Bukele procurou articular forças heterogêneas que tivessem em comum a crítica ao *establishment* (Roque Baldovinos, 2021).

México

Andrés Manuel López Obrador (AMLO) foi um dos prefeitos mais populares da história da Cidade do México, até renunciar ao cargo em 2005 para concorrer à presidência em 2006 pelo Partido de la Revolución Democrática (PRD). López Obrador foi vencido, em votação acirrada, pelo candidato governista Felipe Calderón Hinojosa, do Partido Acción Nacional. Nesse período, o caso mexicano tornou-se emblemático para estudar os efeitos do populismo sobre democracias não consolidadas, porque López Obrador já reivindicava a defesa da soberania do povo e denunciava a corrupção da elite (Bruhn, 2012; Sarsfield, 2023). No entanto, suas táticas, que envolviam descredibilizar o órgão eleitoral do país, não foram bem aceitas pelos eleitores do PRD, e o partido perdeu apoio na eleição legislativa de 2009. Em 2012, após ser novamente derrotado na eleição presidencial, López Obrador criou o partido Movimiento de Regeneración Nacional, pelo qual se candidatou à presidência em 2018 e se consagrou vencedor.

autoritária (Roque Baldovinos, 2021). Desde esse momento, o político mantém estreitas relações com grupos empresariais importantes (ele próprio tinha uma empresa de publicidade e é filho de empresário).

López Obrador foi eleito em um contexto de insatisfação massiva dos cidadãos com a desigualdade, a exclusão, a violência e a corrupção do regime de transição à democracia desde o ano de 2000, com o colapso do projeto autoritário do Partido Revolucionário Institucional (PRI) (Olvera, 2021). AMLO sucedeu o governo de Peña Nieto (2012-2018), do PRI. Embora a administração de Peña Nieto, que marcou o retorno do PRI ao governo mexicano, tenha começado bem avaliada com a realização do “Pacto por México”, acordo político nacional para impulsionar o crescimento econômico, o presidente não demonstrou a mesma habilidade para combater a impunidade e a corrupção, e sua gestão caiu em descrédito. A crise se intensificou em 2017, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e as incertezas que essa vitória gerou para o povo mexicano, a desvalorização acelerada da moeda mexicana e a crescente inflação, o que motivou protestos em muitas cidades do país (Carrilo, 2020).

Peru

O Peru tem no governo de Alberto Fujimori (1990-2000) o caso mais emblemático de populismo. Eleito mobilizando setores marginalizados da sociedade contra as elites políticas, o que acabou por conduzir a um severo conflito entre os poderes Executivo e Legislativo, Fujimori fechou o Congresso, dissolveu a Constituição e restringiu a atuação do Poder Judiciário. Ainda assim, teve forte apoio popular e foi reeleito em 1995, transformando a democracia peruana em um autoritarismo competitivo (Levitsky; Loxon, 2012).

Originadas nesse período, duas opções eleitorais tornaram-se as principais competidoras nas eleições presidenciais: Keiko Fujimori, filha de Alberto Fujimori e candidata de perfil conservador, e Pedro Pablo Kuczynski, candidato de perfil liberal tecnocrata. Em 2018, Keiko Fujimori foi presa preventivamente em decorrência da operação Lava Jato. Isso contribuiu para que, na eleição seguinte, em 2021, houvesse uma grande fragmentação da direita no país, dividindo os votos tradicionalmente destinados a esses candidatos entre outras opções.

Entretanto, Keiko Fujimori, que participava da eleição como representante da Frente Popular, defendendo o legado de seu pai, a validade da Constituição peruana de 1993 e o modelo econômico orientado para o mercado, foi para o segundo turno contra o candidato de extrema-esquerda, Pedro Castillo, do partido Peru Libre, que prometeu mudar a Constituição e o modelo econômico neoliberal por uma economia popular de mercado. Professor e líder sindical, que nunca havia ocupado um cargo eletivo e ficou conhecido no país por liderar uma longa greve de professores em 2017, Castillo terminou sendo eleito presidente. Essa vitória se deu em uma

eleição marcada⁹ pela apatia generalizada dos cidadãos e por uma fragmentação eleitoral e incerteza sem precedentes no país, cenário que ajuda a compreender por que os eleitores, dentro da numerosa oferta de candidaturas, optaram pelas opções mais radicais e com duvidosas credenciais democráticas (Muñoz, 2021).

Uruguai

Na eleição de 2019, o Frente Amplio (FA), com Daniel Martínez, alcançou pela quinta vez consecutiva o primeiro lugar. Dessa vez, entretanto, não conseguiu vencer no primeiro turno. Como, desde o ano anterior, o país vivia cenário de declínio econômico, de alta da inflação e do desemprego, já havia incerteza sobre a capacidade de reeleição do FA (Townsend-Bell, 2019). Nesse contexto, o Partido Nacional, de Luis Alberto Lacalle Pou, segundo colocado, formou a Coalición Multicolor com outros competidores de centro-direita, a qual despontou confiante e venceu um FA desalentado no segundo turno (Cardarello; Luján; Schimidt, 2022).

A eleição de 2019 foi marcada pela ascensão de partidos políticos de direita e de extrema-direita: o Partido de la Gente, que participou da eleição com o empresário Edgardo Novick; o Partido de la Orden Republicana, que competiu com o coronel reformado Hugo Grossi; e o Cabildo Abierto, que apresentou Guido Rios, ex-Chefe do Exército, como candidato. Esses partidos defenderam pautas socialmente conservadoras e enfatizam a ordem e a segurança pública (Townsend-Bell, 2019).

Analisando pesquisas de intenção de voto, Caetano, Selios e Nieto (2019) apontaram que, ainda que esses partidos e candidaturas apresentassem preferência diminuta frente às opções partidárias tradicionais, atingiam, pela primeira vez desde 2000, mais de 10 pontos na escala de intenções de voto. O crescimento dessas candidaturas disruptivas pode ter sido reflexo das mudanças negativas nas percepções cidadãs não apenas sobre o desempenho governamental, mas das próprias instituições da democracia, com o consequente aumento do desinteresse pela política e do apoio ao regime.

⁹ A disputa presidencial de 2021 se destinava a substituir um governo de transição formado em novembro de 2020, quando uma crise política iniciada pelo congresso, que depôs o presidente Martin Vizcarra, fez com que o Peru tivesse dois diferentes presidentes em uma única semana.

Estados Unidos

Ao longo dos anos, os dois principais partidos dos Estados Unidos, Democrata e Republicano, foram se modificando e tornaram-se mais homogêneos e polarizados, sobretudo no que diz respeito a questões culturais. Desse modo, os Democratas passaram a ser cada vez mais socialmente liberais, enquanto os Republicanos, cada vez mais socialmente conservadores. Esse movimento atraiu os mais jovens para o partido Democrata e os mais idosos para o partido Republicano. Em 2016, quando os principais candidatos Republicanos foram derrotados por Donald Trump nas primárias, a radicalização socialmente conservadora, proveniente de facção populista autoritária do partido, ficou evidente (Norris; Inglehart, 2019). No ensejo do declínio do crescimento da economia norte-americana, o Republicano prometeu em sua campanha priorizar os nacionais americanos, em oposição às elites corruptas, responsáveis pela liberalização social e pela abertura à diversidade étnica e sexual.

Segundo esses autores, a ascensão de Trump tem precedente no país, como as campanhas de Jimmy Carter e Ronald Reagan e, mais recentemente, a criação da organização Tea Party, formada por homens brancos, conservadores, autoritários, com forte apelo racista e ressentidos com as políticas de bem-estar social. Embora outras empreitadas populistas tenham aparecido na história política dos Estados Unidos, nenhum líder político com esse perfil havia conseguido tanta aceitação dentro do partido, tampouco chegado à presidência do país (Norris; Inglehart, 2019; Quinlan; Tinney, 2019).

Na próxima seção, apresentamos os dados e as estratégias metodológicas utilizadas para analisar como as atitudes políticas relacionadas ao populismo se estruturam nesses diferentes contextos.

Dados e mensuração

Como mencionado anteriormente, os dados utilizados na análise fazem parte do Módulo 5 do CSES. Com o objetivo específico de investigar as atitudes populistas do público, o Módulo 5 do CSES incluiu não apenas atitudes críticas às elites políticas (questões E3004_2 a E3004_4; E3004_7 e E3007), como também outros dois temas-chave associados às atitudes populistas autoritárias entre os cidadãos: atitudes em relação a grupos externos – representados pelos imigrantes (E3005_3 a E3005_5) – e atitudes que desafiam a democracia representativa

(E3004_5 e E3004_6), a regra da maioria (E3005_2) e processos pluralistas de barganha e compromisso (E3004_1) (Hobolt *et al.*, 2016).

As questões incluídas no Módulo 5 do CSES para representar cada um desses temas estão apresentadas no Quadro 1¹⁰. Salvo a variável E3007 (medida de percepção da corrupção), que foi formulada com alternativas de respostas em quatro níveis¹¹, as demais decorrem de escalas Likert formuladas em cinco pontos, que visam captar o grau de concordância dos respondentes com as atitudes. Essas escalas, portanto, variam de muita concordância à nenhuma concordância, sendo que a opção intermediária (“nem concorda, nem discorda”) não foi oferecida ao respondente, ou seja, trata-se de resposta espontânea.

Quadro 1: Atitudes correspondentes à mensuração de populismo do CSES segundo construto tridimensional de Hobolt *et al.* (2016)

Atitudes negativas em relação às elites	
E3004_2	A maior parte dos políticos não se importa com as pessoas.
E3004_3	A maior parte dos políticos é confiável.
E3004_4	Os políticos são o principal problema do país.
E3004_7	A maior parte dos políticos se preocupa apenas com os interesses dos ricos e poderosos.
E3007	O quanto você acha que a corrupção está generalizada no país, por exemplo as propinas entre políticos
Desafios à democracia representativa	
E3004_5	Ter um líder forte no governo é bom para o país mesmo que o líder não cumpra as regras para fazer as coisas.
E3004_6	O povo, e não os políticos, deveria tomar as decisões políticas mais importantes.
E3005_1	As minorias deveriam se adaptar aos costumes e tradições do Brasil ¹²
E3005_2	A vontade da maioria deveria sempre prevalecer, mesmo que prejudique os direitos das minorias.
E3004_1	O que as pessoas chamam de compromisso em política é, na verdade, apenas uma forma de negociar os princípios.
Atitudes em relação a grupos externos	
E3005_3	Em geral, os imigrantes fazem bem à economia do país.
E3005_4	Os imigrantes prejudicam a cultura do país.
E3005_5	Os imigrantes aumentam as taxas de criminalidade no país.

Fonte: elaboração própria com base na descrição de Hobolt *et al.* (2016).

Elaboramos análises fatoriais exploratórias com rotação varimax e extração por autovalor para cada um dos países em estudo, por entendermos que os três fatores compõem,

¹⁰ As questões, desenvolvidas a partir de medidas de Hawkins *et al.* (2012) e Akkerman *et al.* (2014), foram debatidas e revisadas pelo comitê organizador do Módulo 5 do CSES após consulta aberta à comunidade acadêmica (Hobolt *et al.*, 2016).

¹¹ Essa variável decorre da questão: “O quanto você acha que a corrupção está generalizada (no país), como, por exemplo, as propinas entre políticos: muito generalizada, bem generalizada, pouco generalizada ou você acha que isso dificilmente acontece?” 1. Muito generalizada 2. Bem generalizada 3. Pouco generalizada 4. Dificilmente acontece (tradução do ESEB 2018).

¹² Esta variável não faz parte da descrição de Hobolt *et al.* (2016), mas foi incluída por entendermos que permite traçar panorama mais completo dos desafios à democracia representativa postos pelo populismo autoritário.

em tese, dimensões distintas e não relacionadas¹³. Ou seja, concordamos que, entre as dimensões, existe um núcleo restrito de populismo, representativo da abordagem ideacional do populismo e baseado na distinção moral entre o povo puro e a elite corrupta. Este núcleo deve ser acompanhado, em dimensões separadas, de atitudes relacionadas aos grupos externos e às visões do sistema político — as quais se associam, sobretudo, às ideologias plenas (*thick ideologies*) que os acompanham nos distintos contextos políticos e culturais.

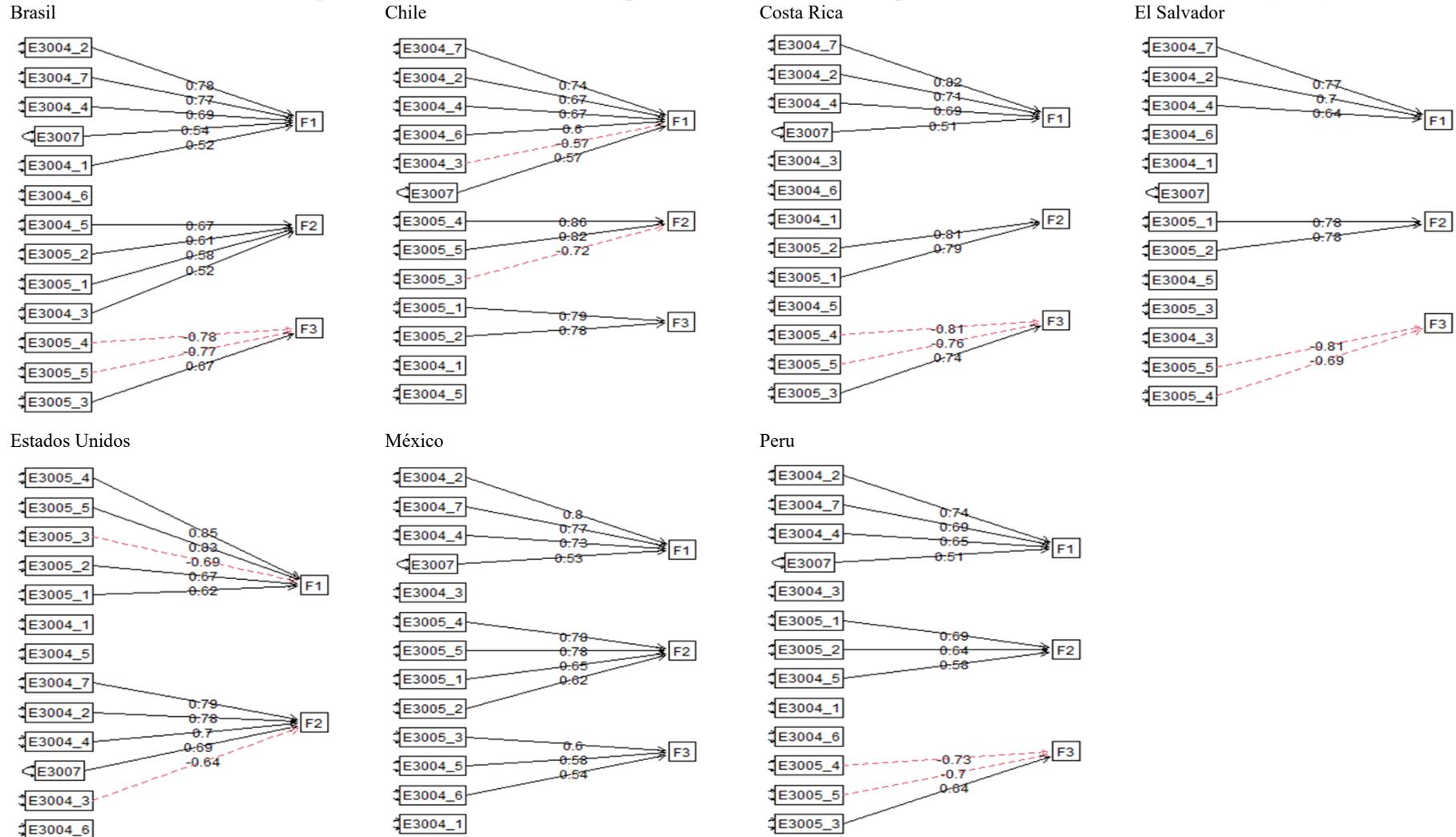
Os resultados estão na seção seguinte.

Resultados

Como a ideia inicial era inserir todas as variáveis de Hobolt *et al.* (2016) na análise, precisamos excluir o Uruguai, já que a questão E3004_1, que mede a rejeição à prática político-democrática de negociações e barganhas entre interesses e visões distintas, não foi perguntada no país. Nesse primeiro resultado (Quadro 2), as análises geraram três fatores para cada um dos países latino-americanos e dois para os Estados Unidos. Ademais, em cada contexto, as variáveis produziram cargas fatoriais e combinações distintas. Assim, diferente do que previmos, as variáveis não se reduziram exatamente ao construto tridimensional de Hobolt *et al.* (2016).

¹³ Mesmo assim testamos as correlações entre os fatores e aferimos a existência de correlações muito baixas, inferiores a 0,3 para todos os países.

Quadro 2: Diagrama das análises fatoriais exploratórias rotacionadas a partir das variáveis de Hobolt *et al.* (2016)



Fonte: elaboração própria com base no Módulo 5 do CSES.

No Brasil, o primeiro fator foi formado por atitudes em relação às elites políticas, acrescidas de duas variáveis tratadas por Hobolt *et al.* (2016) como desafios à democracia representativa (E3004_1, que afere a contrariedade dos respondentes às regras de barganha e consenso na democracia representativa, e a E3004_6, que capta a noção de soberania do povo por meio de formas diretas de democracia). O segundo fator, associado aos denominados desafios à democracia representativa, incluiu as duas variáveis que avaliam as percepções sobre a regra da maioria, mais a concordância com a ideia do líder forte. A esse fator somou-se a variável E3004_3, confiança nos políticos, que, curiosamente, aparece com sinal positivo, assim como as demais que compõem o fator, embora seja a única formulada para representar visão positiva sobre os temas abordados. Com isso, a confiança nos políticos aparece associada ao apoio a um líder forte que subverta as leis e a visões contrárias às minorias. Finalmente, o terceiro fator agrupou os três itens que versam sobre imigrantes, sugerindo o predomínio de visões favoráveis a esse grupo. Delineada como atitudes em relação a grupos externos (*outgroups*), foi a única dimensão que correspondeu exatamente ao proposto por Hobolt *et al.* (2016).

No caso chileno, assim como no brasileiro, o primeiro fator foi formado pelas atitudes sobre elites políticas, incluída a variável E3004_6, que afere a opinião sobre democracia direta. No entanto, nesse caso, conforme esperado, a confiança nos políticos (variável E3004_3) também esteve associada a esse fator, com efeito negativo. De modo diverso das demais sociedades latino-americanas, o segundo fator extraído foi aquele relacionado a atitudes sobre imigrantes, composto pelas três variáveis delineadas para essa dimensão. Assim, os desafios à democracia representativa formaram apenas a última dimensão atrelada ao populismo no país, a qual incluiu apenas duas variáveis, E3005_1 e E3005_2, que mensuram percepções sobre direitos das minorias versus a regra da maioria¹⁴.

O fator preponderante na Costa Rica também foi aquele atrelado a visões sobre as elites políticas, juntamente com a variável E3004_6, assim como encontrado para o Brasil e o Chile¹⁵. De forma semelhante ao resultado para o Brasil, o segundo fator mais relevante foi o correspondente aos desafios à democracia representativa, mas na Costa Rica composto apenas pelas variáveis E3004_5 (apoio ao líder forte) e E3005_1 e E3005_2, que captam as visões dos

¹⁴ As variáveis E3004_1 e E3004_5 tiveram cargas fatoriais inferiores a 0,4 e, por isso, a rigor, não contribuem de forma significativa para a dimensão a qual estiveram atreladas.

¹⁵ Nesse caso, a variável E3004_1 também teve carga fatorial abaixo do esperado e não foi considerada para a composição do fator.

respondentes sobre a regra da maioria. Também repetindo o resultado brasileiro, o último fator gerado no país incluiu as três atitudes sobre imigrantes.

No modelo para El Salvador, mais uma vez, a variável E3004_6 associou-se às atitudes sobre elites políticas no primeiro fator. Por outro lado, a confiança nos políticos (variável E3004_3), embora prevista, não apareceu junto a essa dimensão. Essa variável, de fato, teve carga fatorial abaixo da adequada, assim como a variável E3004_1 e, de forma inédita, também a variável E3007, que avalia a percepção da difusão da corrupção entre os políticos. A segunda dimensão de populismo em El Salvador, representada pelos desafios à democracia representativa, teve composição semelhante àquela da Costa Rica. Já a terceira dimensão, sobre os imigrantes, foi formada por apenas duas questões (E3005_4, os imigrantes prejudicam a cultura do país, e E3005_5, os imigrantes aumentam a criminalidade¹⁶), também com cargas que apontam para opiniões favoráveis sobre esses grupos.

O modelo para o Peru foi o que mais se aproximou das dimensões propostas por Hobolt *et al.* (2016): o primeiro fator incluiu todas as atitudes em relação a elites políticas. Ademais, como planejado e repetindo o resultado da maioria dos países estudados, o terceiro fator foi formado pelas três atitudes sobre imigrantes. A segunda dimensão, desafios à democracia representativa, por sua vez, apenas não reproduziu o desenho original, pois a variável E3004_6 (apoio à democracia direta) não apresentou carga fatorial significativa.

Resultado semelhante foi encontrado para o México em relação ao primeiro fator, inclusive com a mesma ordem de significância estatística entre as variáveis correspondentes a atitudes em relação a elites políticas. A principal diferença no caso mexicano em relação aos demais países latino-americanos foi a desagregação das três atitudes anti-imigração em duas dimensões distintas: a variável E3005_3, Os imigrantes fazem bem à economia do país, associou-se a itens referentes a desafios à democracia representativa na segunda dimensão do modelo, enquanto as variáveis E3005_4, Os imigrantes prejudicam a cultura do país, e E3005_5, Os imigrantes aumentam as taxas de criminalidade, associaram-se às visões contrárias às minorias na terceira dimensão.

Os resultados para os Estados Unidos diferiram dos encontrados para os países latino-americanos. Primeiro, tal como previmos, a dimensão de atitudes em relação às elites políticas não foi a sobressalente (embora sua composição seja semelhante à do Chile e da Costa Rica). No caso estadunidense, todavia, a diferença mais importante foi o fato de que a análise fatorial

¹⁶ A variável E3005_3 (os imigrantes fazem bem à economia do país) apresentou a mesma carga fatorial nas dimensões 2 e 3 e, assim, foi desconsiderada na análise.

produziu apenas dois fatores, sendo que o primeiro e mais relevante fator resultou da combinação de variáveis atreladas aos desafios à democracia representativa (apoios à democracia direta e ao líder forte e rejeição a minorias) e às três atitudes em relação aos imigrantes. Entre essas variáveis, as atitudes sobre imigrantes (com sinais que denotam o rechaço a eles) foram as que obtiveram maiores cargas fatoriais¹⁷.

Em suma, as atitudes em relação às elites políticas formaram o principal fator em todos os países latino-americanos, mas não nos Estados Unidos. Ainda assim, apenas três desses itens (E3004_2, E3004_4 e E3004_7) compuseram a mesma dimensão em todos os modelos para a América Latina, além de apresentarem as cargas fatoriais mais elevadas. Isso sugere que o núcleo mais restrito de populismo na região estrutura-se sobre as opiniões de que os políticos não se importam com as pessoas, são o principal problema do país e só se preocupam com interesses dos ricos e poderosos. Nesse aspecto, é importante salientar que a variável E3004_7, sobressalente em quatro países e segunda colocada em outros três, aborda o antielitismo atrelado ao ressentimento de classe, indicando a possibilidade de que o núcleo restrito de populismo nas Américas esteja, ainda, associado à disputa ideológica entre esquerda e direita. Isso vale também para os Estados Unidos, ainda que, nesse país, a rejeição às elites políticas não seja o principal tema associado ao fenômeno populista recente.

Quanto às outras dimensões, a separação dos temas da imigração e dos desafios à democracia representativa (prevista na proposta de Hobolt *et al.* [2016]) ocorreu apenas nos países latino-americanos, onde as atitudes associadas às opiniões sobre imigrantes apareceram majoritariamente isoladas e com menor relevância estatística (exceto no Chile, onde as percepções sobre os imigrantes ocuparam a segunda dimensão e com sinais que apontam para a rejeição desse grupo). O México também constituiu um caso à parte, uma vez que o tópico surgiu parcialmente mesclado aos desafios à democracia representativa (ou seja, a rejeição aos imigrantes e às minorias apareceram no mesmo fator), o que é compreensível, haja vista a importância que o tema ganha em razão da fronteira do país com os Estados Unidos. Aliás, não por acaso, as atitudes anti-imigração foram as que obtiveram maiores cargas fatoriais no modelo estadunidense, como anteriormente descrito e previsto por nossa segunda hipótese.

Em que pese a variável E3004_6 tenha apresentado a maior flutuação entre os países, ora aparecendo em uma dimensão, ora em outra, foi a variável E3004_1 que contribuiu menos

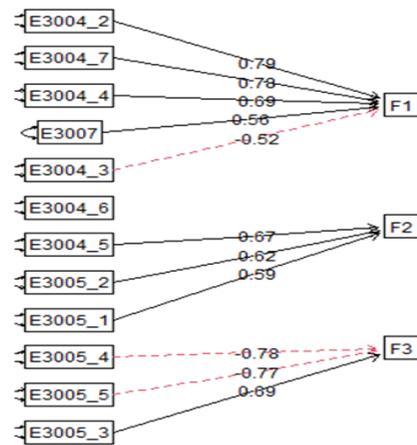
¹⁷ Por último, cumpre mencionar que a percepção acerca das práticas de barganha e consenso na política (E3004_1) carregou simultaneamente nos dois fatores com valores aproximados, não contribuindo, desse modo, para o modelo.

com os modelos, não apresentando significância estatística em quatro das sociedades analisadas e obtendo as cargas fatoriais mais baixas em outras duas. Diante desse resultado, rodamos as análises fatoriais novamente, excluindo-se essa variável. Isso permitiu que o Uruguai, onde o item não foi perguntado, fosse incluído na análise.

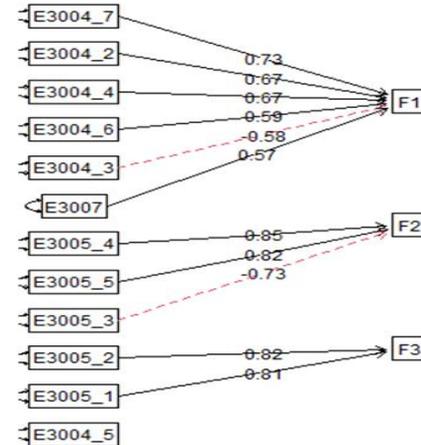
O Quadro 3 apresenta os resultados da análise fatorial para o Uruguai e os novos resultados para os demais países.

Quadro 3: Diagrama das análises fatoriais exploratórias rotacionadas, excluída a variável E3004_1

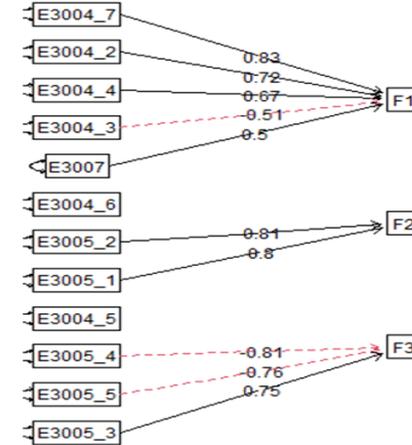
Brasil



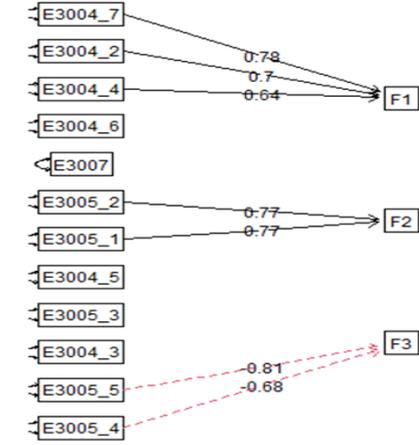
Chile



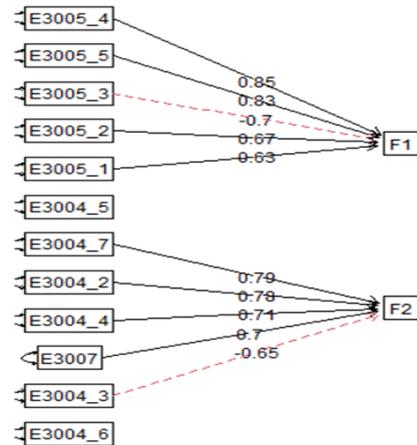
Costa Rica



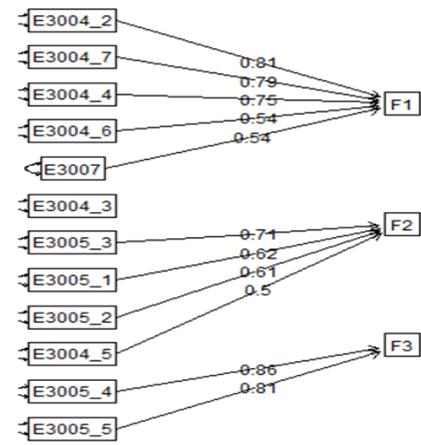
El Salvador



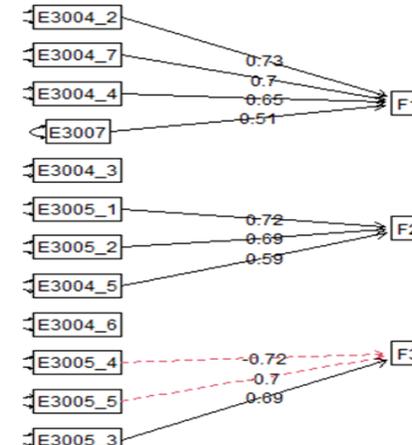
Estados Unidos



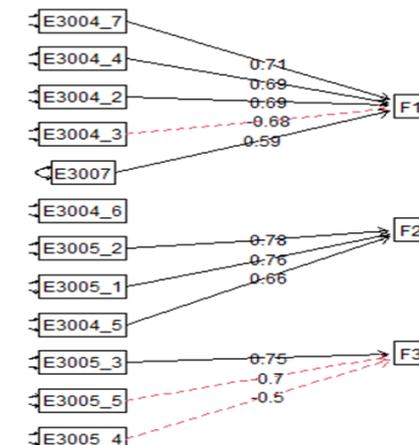
México



Peru



Uruguai



Fonte: elaboração própria a partir do Módulo 5, CSES.

O modelo uruguaio também gerou três fatores que, com exceção da ausência da medida de rejeição à atividade política, se comportaram exatamente como o desenho de Hobolt *et al.* (2016). Assim, o primeiro fator é relativo a atitudes sobre elites políticas, o segundo, a desafios à democracia representativa, e o terceiro, às atitudes sobre imigrantes. A dimensão de atitudes sobre elites políticas foi formada exatamente pelas variáveis delineadas por Hobolt *et al.* (2016) como parte desse fator, pois, embora a variável E3004_6 apareça nessa primeira dimensão, não atingiu carga fatorial significativa.

No Brasil, o novo modelo conduziu a variável E3004_3, confiança nos políticos, ao primeiro fator, associado a atitudes de rejeição às elites políticas, consoante havia sido delineado por Hobolt *et al.* (2016). No modelo anterior, essa variável aparecia agregada aos desafios à democracia representativa, com efeito inverso ao esperado; isto é, a confiança nos políticos atrelava-se aos apoios à regra da maioria e ao líder forte. Agora, conforme esperado, a variável, com efeito negativo, associa-se às visões críticas aos políticos.

Já em El Salvador, embora a variável E3004_1 não fosse significativa no modelo anterior, sua retirada teve o efeito de deslocar a variável E3004_6 para o segundo fator, desafios à democracia representativa, da forma como Hobolt *et al.* (2016) desenharam. Assim, a dimensão de desafios à democracia representativa passou a ser composta pelas variáveis E3004_5, E3004_6 e E3005_2, sendo que agora foi a percepção de que as minorias deveriam se adaptar aos costumes do país (E3005_1) que deixou de ser significativa. Ademais, a dimensão de atitudes em relação aos imigrantes manteve-se com apenas duas variáveis, mas com uma mudança em sua composição, pois, enquanto a E3005_3 ganhou significância estatística, a E3005_4 perdeu.

No México, com a retirada da variável E3004_1, três outros itens reposicionaram-se: a variável E3004_6, antes componente do último fator, passou a compor o primeiro (atitudes sobre elites políticas), enquanto as variáveis E3005_3 e E3005_4 inverteram-se em seus posicionamentos. Dessa forma, agora a dimensão de atitudes em relação aos imigrantes foi composta, de modo mais consistente, pelas variáveis E3005_4, imigrantes prejudicam a cultura do país, e E3005_5, imigrantes aumentam a criminalidade. Com isso, foi a variável E3005_3, imigrantes fazem bem à economia, que passou a associar-se ao fator de desafios à democracia representativa, o que, de qualquer sorte, mantém a divisão do bloco de atitudes sobre imigrantes.

Salvo a ordem de relevância estatística das variáveis do último fator gerado, os resultados do Chile repetiram o primeiro modelo, no qual a E3004_1 já não havia apresentado significância estatística. Algo semelhante ocorreu para a Costa Rica e para os Estados Unidos,

mas, nesses casos, inclusive as ordens das variáveis se mantiveram. No Peru, a única modificação foi a própria saída da variável E3004_1, que antes associava-se aos desafios da democracia representativa.

Assim, a retirada da variável E3004_1, que entendemos como uma medida de rejeição à atividade política, e não às elites em si, surtiu o efeito de agrupar na mesma dimensão as percepções negativas sobre as elites políticas, de modo que a variável E3004_6 juntou-se a essa dimensão em todos os países em que não o fazia nos modelos iniciais (com exceção de El Salvador, onde o movimento da variável foi inverso). Embora essa variável tenha sido planejada para mensurar o apoio a formas de democracia direta e, assim, constar como desafio à democracia representativa, a contraposição do povo aos políticos parece ter ressaltado a visão negativa sobre esses atores e, por isso, a variável associou-se mais frequentemente ao antielitismo¹⁸. Outras mudanças aconteceram no Brasil, onde a variável E3004_3 (confiança nos políticos), que compunha, com sinal positivo, a dimensão de desafios à democracia representativa, foi deslocada para a dimensão de atitudes negativas em relação a elites políticas; e em El Salvador, onde a medida de percepção da ocorrência de corrupção entre os políticos passou a ser significativa (também no primeiro fator).

Cumpram-se destacar que, salvo no México e no Chile, as atitudes em relação às elites políticas caminham em sentido inverso às atitudes sobre imigração, sugerindo a concomitância de atitudes antielitistas e de atitudes favoráveis à imigração nos países analisados. Esse resultado indica a possibilidade de formas pluralistas de populismo nas experiências dessas sociedades, o que pode explicar, em alguma medida, a fragilidade do núcleo restrito de populismo para explicar o voto em líderes populistas de direita em alguns dos países considerados¹⁹.

De modo contrário, no Chile e no México, a rejeição a elites políticas acompanha o mesmo sentido das atitudes de rejeição a imigrantes. Entretanto, é importante destacar que a correlação entre as dimensões mencionadas foi baixa; isto é, apesar de os temas parecerem caminhar juntos, atuam, em alguma medida, de maneira independente.

¹⁸ Ressalta-se ainda que, no Uruguai, a variável E3004_6 não foi significativa.

¹⁹ Abordamos a associação entre voto em líderes populistas de direita e atitudes populistas em artigo anterior (referência excluída para o anonimato da avaliação).

Conclusão

Embora tenha crescido o interesse pelos possíveis efeitos de atitudes populistas sobre o comportamento eleitoral, os estudos não buscam compreender como as atitudes populistas se estruturam no mapa de referência dos cidadãos. Nossa análise revelou que, apesar de algumas especificidades nos diferentes países, de modo geral, as atitudes políticas referentes ao populismo se organizaram em torno das dimensões propostas por Hobolt *et al.* (2016) — antielitismo, desafios à democracia representativa e rejeição a grupos externos — exceto nos Estados Unidos, confirmando parcialmente a nossa primeira hipótese.

Não obstante, foi apenas com a retirada da variável E3004_1, que afere a contrariedade dos respondentes com as regras de barganha e consenso na democracia representativa, que a dimensão antielites emergiu de modo claro nos países latino-americanos. Nossa segunda hipótese também foi parcialmente confirmada: atitudes antielites foram preponderantes na América Latina e atitudes anti-imigrantes, nos Estados Unidos.

Porém, nesse país, as atitudes populistas não se agruparam segundo o desenho tridimensional de Hobolt *et al.* (2016): as visões sobre imigrantes, embora tenham apresentado as cargas fatoriais mais elevadas dentre todas as variáveis, juntaram-se aos desafios à democracia representativa na primeira dimensão da análise fatorial. Com isso, nossa terceira hipótese foi rejeitada. Uma interpretação possível é que a aproximação do tema com a rejeição aos imigrantes tenha favorecido a relevância dessa dimensão nos Estados Unidos.

Ademais, se o tema da imigração demonstrou menor expressão na América Latina, isso se deve ao fato de que as atitudes populistas estiveram mais associadas a percepções negativas dos políticos em razão de ressentimento de classe. Esse resultado informa, portanto, um aspecto paralelo à diferença regional: a importância de diferentes níveis de desenvolvimento socioeconômico para o comportamento político. Somado a isso, duas das democracias mais avançadas da América Latina, Uruguai e Costa Rica, não obtiveram resultados muito destoantes em relação aos países vizinhos, indicando que as condições de desigualdades sociais profundas na região têm importante relação com as atitudes antielitistas. Há que se ressaltar, ainda, que, embora “mais avançadas”, tanto a Costa Rica quanto o Uruguai apresentaram, em anos recentes, desgastes político-institucionais, com efeitos sobre as atitudes cidadãs.

De modo geral, portanto, as dimensões de populismo sugeriram uma visão populista de viés nacionalista nos Estados Unidos, com menor relevância das atitudes de rejeição a elites políticas (embora o ressentimento de classe também tenha predominado nessa dimensão no

país). Isso porque o apoio à regra da maioria, característica central da tensão entre populismo e democracia liberal, aparece associado no país às atitudes anti-imigração. Já na América Latina, os temas estão dissociados, verificando-se a presença de atitudes antielites e de atitudes favoráveis à proteção de minorias caminhando no mesmo sentido na maioria dos casos, embora as dimensões não estejam correlacionadas.

Esses resultados indicam, portanto, que o contexto latino-americano separa a rejeição a elites políticas do pluralismo, motivo pelo qual é possível propor a interpretação de que o populismo na região, no mínimo, não mobiliza o tema. Entretanto, suspeita-se que tal resultado tenha relação com a manutenção do predomínio do populismo de esquerda, centrado em classe, na América Latina. Tal interpretação requer, não obstante, uma investigação mais ampla. Por enquanto, é possível apenas afirmar que, apesar das diferentes expressões de populismo, o desenho proposto por Hobolt *et al.* (2016) ajusta-se razoavelmente às experiências latino-americanas, mas não à estadunidense.

REFERÊNCIAS

AKKERMAN, A.; MUDDE, C.; ZASLOVE, A. How populist are the people? Measuring populist attitudes in voters. **Comparative Political Studies**, v. 47, n. 9, p. 1324-1353, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0010414013512600>. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRUHN, K. To Hell with Your Corrupt Institutions!: AMLO and Populism in Mexico. *In*: MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. (eds.). **Populism in Europe and the Americas: Threat or Corrective for Democracy?** Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 88–112.

CAETANO, G.; SELIOS, L.; NIETO, E. Descontentos y “cisnes negros”: las elecciones en Uruguay en 2019. **Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales**, ano 21, n. 42, p. 277-311, 2019. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/araucaria/article/view/10792>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CANOVAN, M. “People”, Politicians and Populism. **Government and Opposition**, v. 19, n. 3, p. 312-327, 1984. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/people-politicians-and-populism/42ED160143FC20DBB239C8972C607B34>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CANOVAN, M. **The People**. Cambridge: Polity Press, 2005.

CARDARELLO, S. A.; LUJÁN, D.; SCHMIDT, N. Uruguai no final do ciclo progressivo: uma análise do processo eleitoral de 2019. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 22, 2022. Disponível em: 10.15448/1984-7289.2022.1.39801. Acesso em: 14 jan. 2025.

CASTANHO SILVA, B.; JUNGKUNZ, S.; HELBLING, M.; LITTVAY, L. An empirical comparison of seven populist attitudes scales. **Political Research Quarterly**, v. 73, n. 2, p. 409-424, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1065912919833176>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CARRILO, A. La izquierda populista en México: amenaza o correctivo para la democracia? *In*: CADENA-ROA, J.; LEYVA, M. **Las izquierdas mexicanas hoy. Las vertientes de la izquierda**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Ficticia Editorial, 2020.

DÍAZ-GONZÁLEZ, J. A. Identificación religiosa e intención de voto en Costa Rica durante la elección presidencial de 2022. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 82, p. 159–178, 2022. Disponível em: 10.7440/res82.2022.09. Acesso em: 14 jan. 2025.

HAWKINS, K.; KALTWASSER, C. Introduction: the ideational approach. *In*: HAWKINS, K.; CARLIN, R.; LITTVAY, L.; KALTWASSER, C. **The Ideational Approach to Populism: Concept, Theory, and Analysis**. Londres: Routledge, 2018.

HOBOLT, S.; ANDUIZA, E.; CARKOGLU, A.; LUTZ, G.; SAUGER, N. Democracy divided? People, politicians and the politics of populism. **CSES Planning Committee's Module 5 Final Report**, 2016.

HUNTER, W.; POWER, T. Bolsonaro and Brazil's illiberal backlash. **Journal of Democracy**, v. 30, n. 1, p. 68-82, 2019. Disponível em: https://library.brown.edu/create/openingthearchives/wp-content/uploads/sites/19/2020/06/project_muse_713723.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

JUNGKUNZ, S.; FAHEY, R. A.; HINO, A. How populist attitudes scales fail to capture support for populists in power. **PloS ONE**, v. 16, n. 12, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0261658>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LEVITSKY, S.; LOXTON, J. Populism and Competitive Authoritarianism: The Case of Fujimori's Peru. In: MUDDE, C.; ROVIRA KALTWASSER, C. (eds.). **Populism in Europe and the Americas: Threat or Corrective for Democracy?** New York: Cambridge University Press, 2012. p. 160-181.

MASEK, V.; AGUASVIVAS, L. Consolidando el poder en El Salvador: el caso de Nayib Bukele. **Ecuador Debate**, n. 112, p. 157-173, 2021. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/17482>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MUDDE, C. The populist zeitgeist. **Government and Opposition**, v. 39, n. 3, p. 541-563, 2004. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/populist-zeitgeist/2CD34F8B25C4FFF4F322316833DB94B7>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MUDDE, C. Populism: an ideational approach. In: KALTWASSER, C.; TAGGART, P. A.; ESPEJO, P. O.; OSTIGUY, P. **The Oxford Handbook of Populism**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. **Populism in Europe and the Americas: Threat or Corrective for Democracy?** Nova York: Cambridge University Press, 2012.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. Exclusionary vs. inclusionary populism: Comparing contemporary Europe and Latin America. **Government and Opposition**, v. 48, p. 147-174, 2013. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/government-and-opposition/article/exclusionary-vs-inclusionary-populism-comparing-contemporary-europe-and-latin-america/AAB33C1316BE16B8E4DE229519362E27>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MUÑOZ, P. América Latina erupciona: Perú gira al populismo. **Elecciones**, v. 20, n. 22, p. 283-304, 2021. Disponível em: <https://revistas.onpe.gob.pe/index.php/elecciones/article/view/217>. Acesso em: 15 jan. 2025.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. New York: Cambridge University Press, 2019.

OLVERA, A. Polarización como base del populismo: el caso de México. **ECUADOR Debate**, n. 112, p. 113-138, 2021. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/17480>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PANIZZA, F. **Populism and the Mirror of Democracy**. Nova York: Verso, 2005.

QUINLAN, S; TINNEY, D. A populist wave or metamorphosis of a chameleon? Populist attitudes and the vote in 2016 in the United States and Ireland. **The Economic and Social Review**, v. 50, n. 2, p. 281-324, 2019. Disponível em: <https://www.esr.ie/article/view/1183>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ROQUE BALDOVINOS, R. Nayib Bukele: populism and democratic implosion in El Salvador. **Andamios**. 2021, v. 18, n. 46, p. 233-255. Disponível em: <https://doi.org/10.29092/uacm.v18i46.844>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROVIRA KALTWASSER, C. La (sobre)adaptación programática de la derecha chilena y la irrupción de la derecha populista radical. **Colombia Internacional**, n. 99, p. 29-61, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.02>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SARFIELD, R. Entre el pueblo bueno y la élite corrupta. Narrativa populista y polarización afectiva en las redes sociales en México. **Revista Mexicana de Opinión Pública**, ano 18, n. 35, p. 13-34, 2023. Disponível em: 10.22201/fcpys.24484911e.2023.35.85518. Acesso em: 14 jan. 2025.

TAGGART, P. **Populism**. Philadelphia: Open University Press, 2000.

TAMAKI, E. R.; FUKS, M. Populism in Brazil's 2018 General Elections: an analysis of Bolsonaro's campaign speeches. **Lua Nova**, n. 109, p. 103-127, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/R5B5YRLm8C5vKxLVk3FdNrg>. Acesso em: 15 jan. 2025.

TOWNSEND-BELL, E. E. Uruguay 2018: A Year of Mixed Signals and Open Questions. **Revista de Ciencia Política**, Santiago, v. 39, n. 2, p. 367-390, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0718-090X2019000200367>. Acesso em: 14 jan. 2025.

VILLANUEVA, S. Propuestas para regular las migraciones en Chile y la obstinación del securitismo. **URVIO – Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad**, n. 23, p. 110-126, 2018. Disponível em: <https://revistas.flacsoandes.edu.ec/urvio/article/view/3571>. Acesso em: 15 jan. 2025.

VILLENA FIENGO, S. ¿“Conservadores” vs “Progresistas”? religión, política y derechos humanos en Costa Rica. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, n. 35, p. 121-146, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/issue/view/426>. Acesso em: 14 jan. 2025.

APÊNDICE A

Distribuição das variáveis

Brasil					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	44,6	24,6	6,4	11,6	12,8
E3004 2	67,2	13,3	2,6	8,5	8,3
E3004 3	5,9	9,6	2,5	16,8	65,2
E3004 4	58,2	15,3	3,9	11,9	10,7
E3004 5	24,2	19,6	4,4	14,4	37,5
E3004 6	59,5	18,1	4,1	8,9	8,7
E3004 7	68,1	13,2	3,0	8,4	7,2
E3005 1	39,2	19,5	5,3	13,7	22,4
E3005 2	24,0	16,1	5,8	16,6	37,5
E3005 3	39,5	23,0	7,6	15,8	24,2
E3005 4	16,2	12,6	6,0	21,2	44,0
E3005 5	22,2	13,5	6,0	19,3	39,0

Brasil				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não aconteceu
E3007	84,0	8,4	4,5	3,1

Chile					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	4,5	26,2	29,6	33,1	6,6
E3004 2	29,2	46,5	12,6	8,7	3,0
E3004 3	2,2	5,6	13,5	50,9	27,7
E3004 4	20,6	36,9	23,3	14,4	4,8
E3004 5	10,4	24,6	25,3	30,3	9,3
E3004 6	22,6	39,8	23,4	12,7	1,6
E3004 7	28,2	43,0	19,1	8,6	1,1
E3005 1	9,2	38,9	19,4	28,0	4,5
E3005 2	6,2	28,5	22,9	36,1	6,4
E3005 3	8,0	33,1	25,8	26,3	6,7
E3005 4	6,9	21,1	16,9	44,0	11,0
E3005 5	9,4	22,6	21,2	37,3	9,6

Chile				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não aconteceu
E3007	57,6	33,0	8,4	1,0

Costa Rica					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	26,4	16,4	14,2	17,4	25,6
E3004 2	51,1	17,8	9,6	9,1	12,4
E3004 3	6,5	8,3	9,6	22,3	53,3
E3004 4	38,1	19,2	12,9	12,6	17,2
E3004 5	23,0	16,5	11,1	13,0	36,3
E3004 6	40,7	17,5	16,7	11,4	13,6
E3004 7	57,8	19,0	7,7	7,2	8,3

E3005 1	19,8	11,1	6,2	15,0	47,9
E3005 2	22,7	11,3	7,7	15,0	43,3
E3005 3	17,6	18,9	21,8	16,8	25,0
E3005 4	21,8	17,9	19,7	17,5	23,2
E3005 5	23,0	18,4	15,5	16,2	26,9

Costa Rica				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	86,2	11,3	1,7	0,7

El Salvador					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	10,8	27,8	17,0	26,3	18,0
E3004 2	30,3	28,6	9,1	15,6	16,3
E3004 3	6,8	22,3	12,7	30,8	27,3
E3004 4	26,9	29,2	13,5	17,5	12,8
E3004 5	30,0	25,0	11,4	19,0	14,6
E3004 6	37,2	30,4	13,2	11,9	7,3
E3004 7	45,9	24,5	7,9	10,4	11,3
E3005 1	32,8	31,4	11,9	12,7	11,2
E3005 2	23,9	32,6	14,1	16,2	13,2
E3005 3	19,3	30,8	17,0	19,6	13,2
E3005 4	11,5	24,2	22,0	27,7	14,6
E3005 5	12,5	19,4	14,5	29,3	24,2

El Salvador				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	77,3	15,6	5,3	1,8

México					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	9,5	32,7	28,0	20,5	9,4
E3004 2	25,3	34,7	18,9	14,9	6,2
E3004 3	4,1	17,4	19,4	32,3	26,7
E3004 4	25,1	33,9	21,9	14,3	4,8
E3004 5	6,9	25,1	26,8	25,2	16,0
E3004 6	17,0	34,5	25,1	16,7	6,7
E3004 7	24,0	36,8	19,8	13,5	5,9
E3005 1	7,5	27,6	24,4	26,1	14,4
E3005 2	8,7	22,7	29,5	23,2	15,9
E3005 3	8,8	28,1	30,5	23,8	8,7
E3005 4	5,8	24,1	26,6	26,9	16,5
E3005 5	5,8	22,8	27,0	27,9	16,4

México				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	40,1	42,7	14,2	3,0

Peru					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	6,0	24,9	24,4	36,5	8,2

E3004 2	22,9	48,0	5,8	16,7	6,7
E3004 3	3,3	7,9	8,7	59,6	20,5
E3004 4	19,0	46,9	13,4	16,0	4,7
E3004 5	7,2	30,5	15,8	38,8	7,8
E3004 6	8,9	48,7	15,1	22,2	5,1
E3004 7	23,1	56,3	6,9	9,6	4,1
E3005 1	9,3	45,8	15,4	24,2	5,2
E3005 2	9,8	46,3	16,5	24,5	3,0
E3005 3	3,0	25,0	21,3	44,0	6,7
E3005 4	8,5	42,2	18,6	26,1	4,7
E3005 5	18,7	55,5	12,1	11,6	2,2

Peru				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	90,4	6,5	1,5	1,6

Uruguai					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1					
E3004 2	11,6	43,8	6,2	36,7	1,7
E3004 3	0,6	24,8	8,3	59,1	7,1
E3004 4	5,2	30,3	5,1	54,5	4,8
E3004 5	5,4	37,1	2,4	46,3	8,8
E3004 6	13,8	61,1	5,5	19,1	0,6
E3004 7	6,7	38,9	5,7	44,2	4,5
E3005 1	2,7	45,2	3,6	43,0	5,6
E3005 2	2,9	39,8	3,0	46,9	7,5
E3005 3	3,9	50,9	8,8	34,0	2,4
E3005 4	3,1	35,0	2,8	54,5	4,5
E3005 5	1,5	14,2	2,3	66,5	15,5

Uruguai				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	26,3	39,4	28,3	6,0

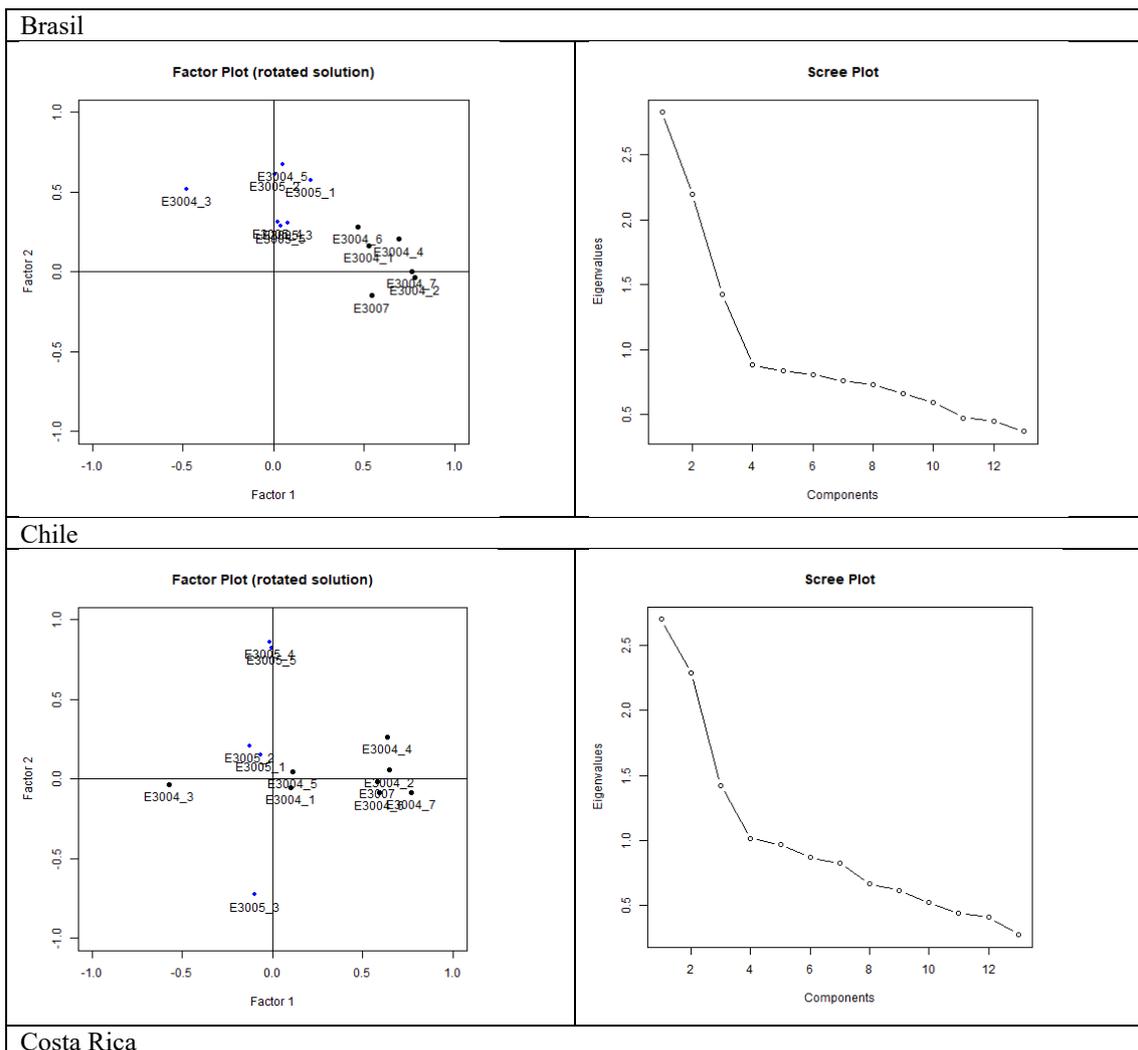
Estados Unidos					
	Concorda totalmente	Concorda em parte	Nem concorda nem discorda	Discorda em parte	Discorda totalmente
E3004 1	6,7	28,8	32,2	21,0	11,3
E3004 2	12,7	37,3	22,7	22,8	4,5
E3004 3	1,6	16,5	24,2	39,9	17,8
E3004 4	11,8	31,8	32,5	18,0	5,9
E3004 5	9,3	28,4	22,1	24,1	16,2
E3004 6	19,1	35,8	23,8	16,1	5,2
E3004 7	17,9	43,9	20,4	14,6	3,1
E3005 1	23,6	35,2	20,9	12,1	8,3
E3005 2	6,6	18,9	28,7	24,5	21,4
E3005 3	15,9	35,4	27,3	14,7	6,7
E3005 4	4,9	14,6	25,8	27,4	27,3
E3005 5	6,1	22,4	30,1	20,5	21,0

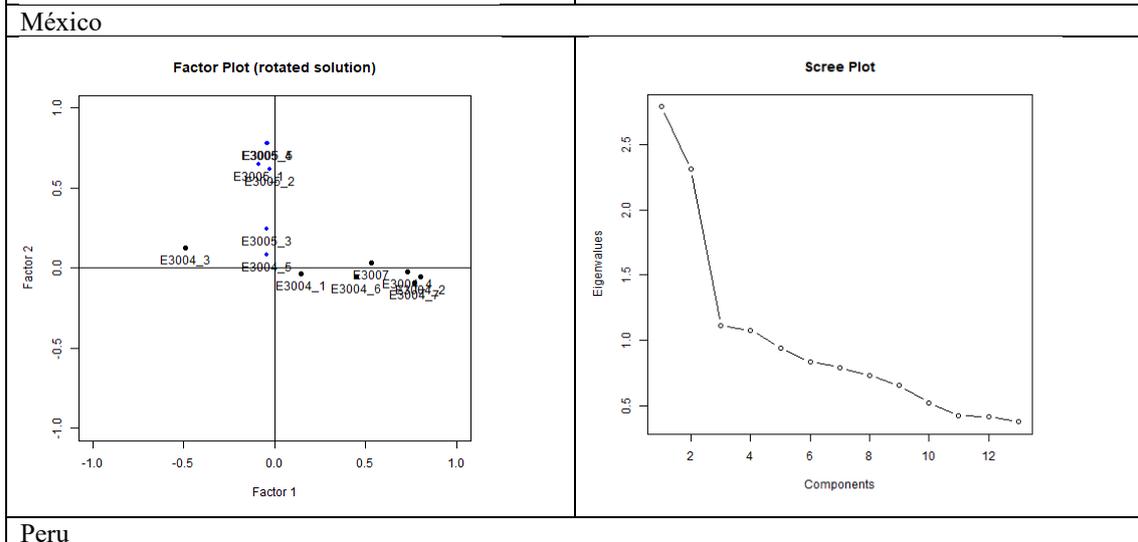
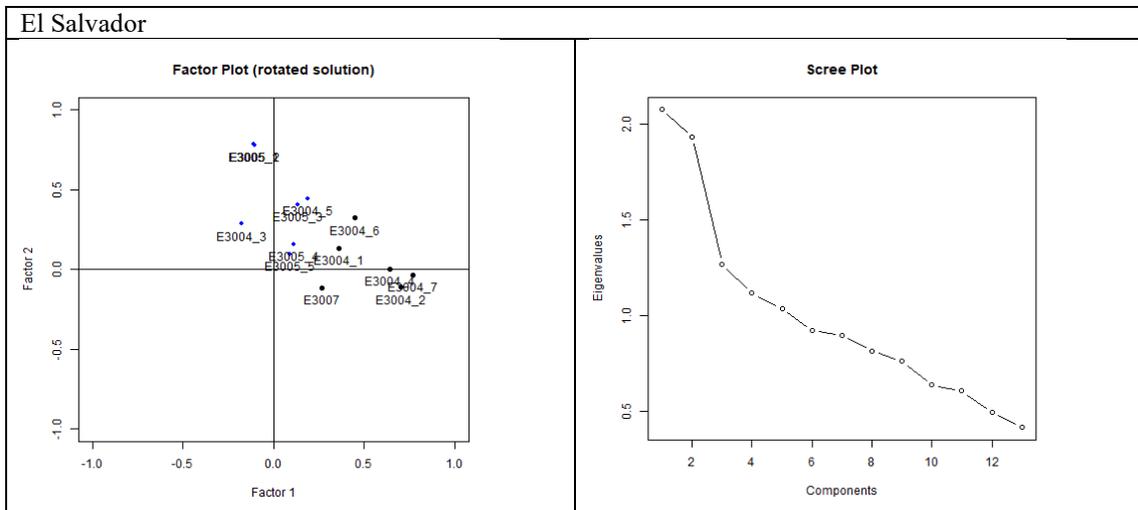
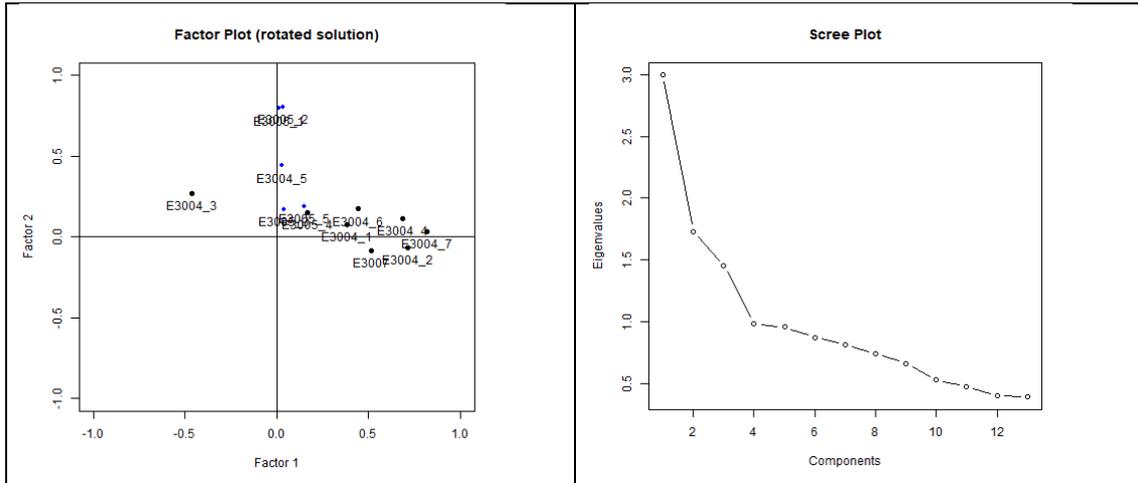
Estados Unidos				
	Muito generalizada	Um pouco generalizada	Não muito generalizada	Não acontece
E3007	27,4	47,7	21,9	3,0

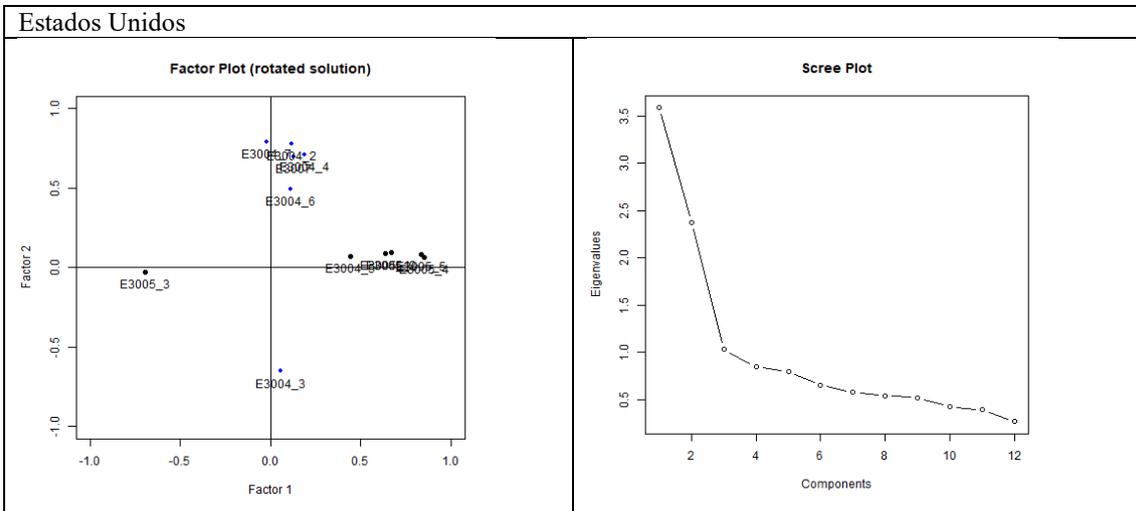
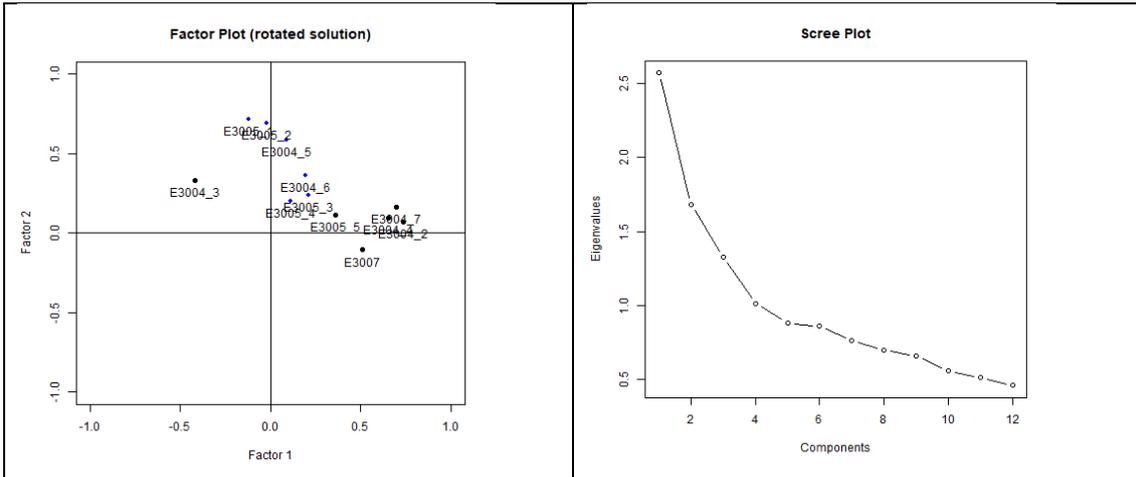
APÊNDICE B
Resultados associados às Análises Fatoriais

Incluída E3004 1	Brasil	Chile	Costa Rica	El Salvador	México	Peru	Uruguai	Estados Unidos
KMO	0,748	0,690	0,733	0,630	0,734	0,701		0,841
Barlett	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000		0,000
Variância	49,585	49,327	47,549	46,603	47,774	43,560		48,279
Excluída E3004 1	Brasil	Chile	Costa Rica	El Salvador	México	Peru	Uruguai	Estados Unidos
KMO	0,728	0,680		0,621	0,742	0,713	0,759	0,823
Barlett	0,000	0,000		0,000	0,000	0,000	0,000	0,000
Variância	51,895	52,421		43,190	51,198	46,515	51,843	49,654

APÊNDICE C
Loading plot e scree plot por país com a totalidade das varáveis de Hobolt et al. (2016)

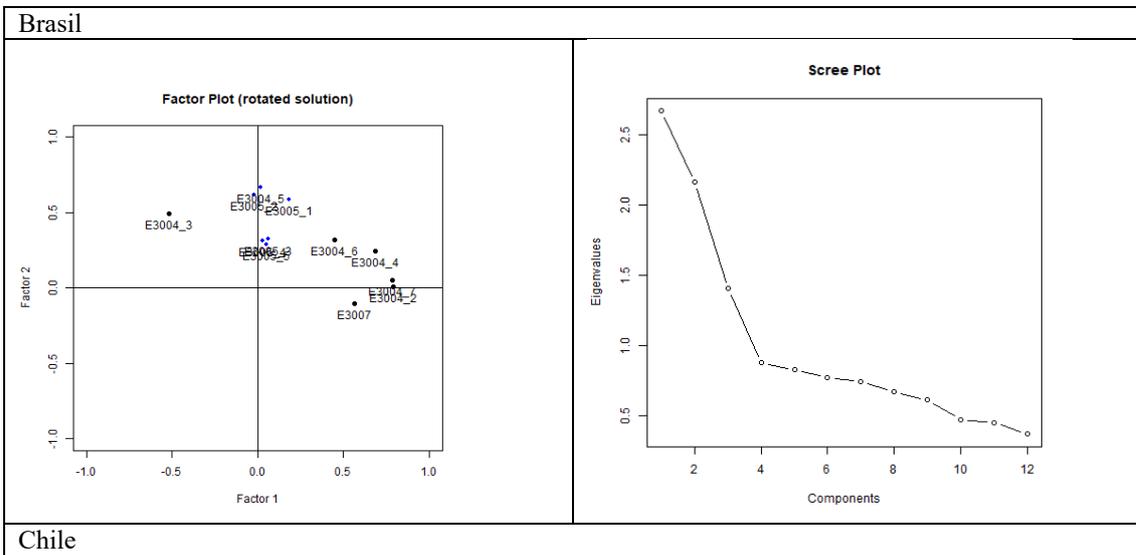


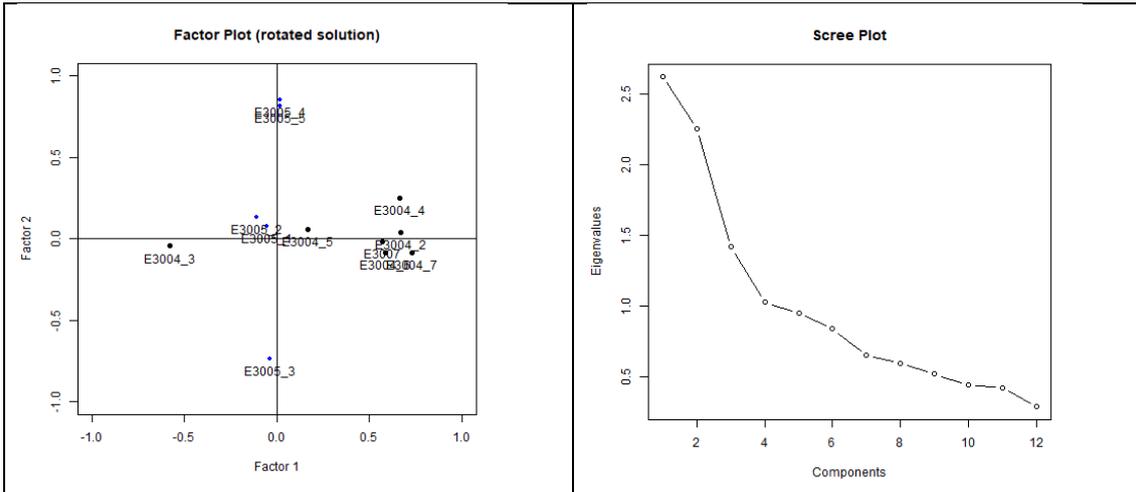




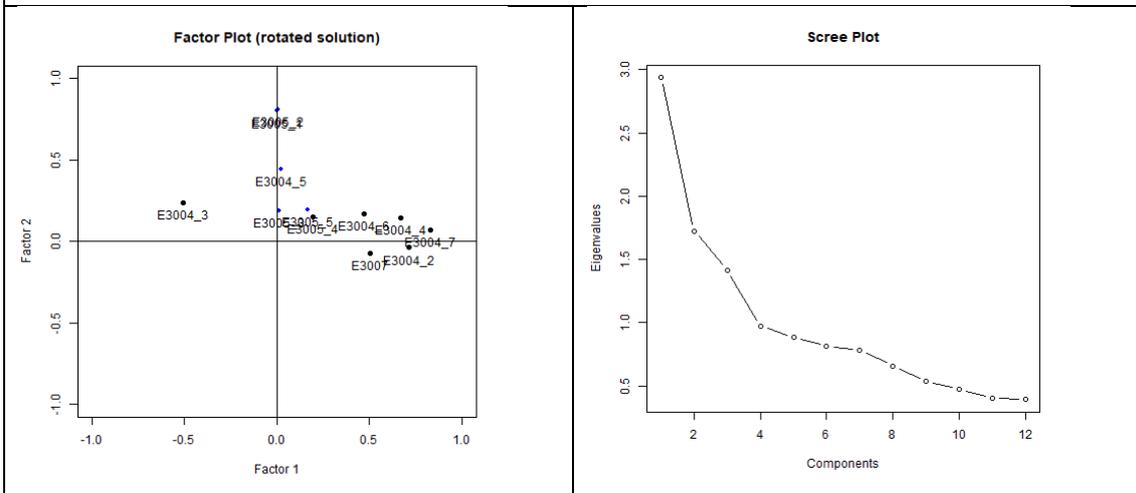
APÊNDICE D

Loadings plot e scree plot por país, excluída a variável E3004_1

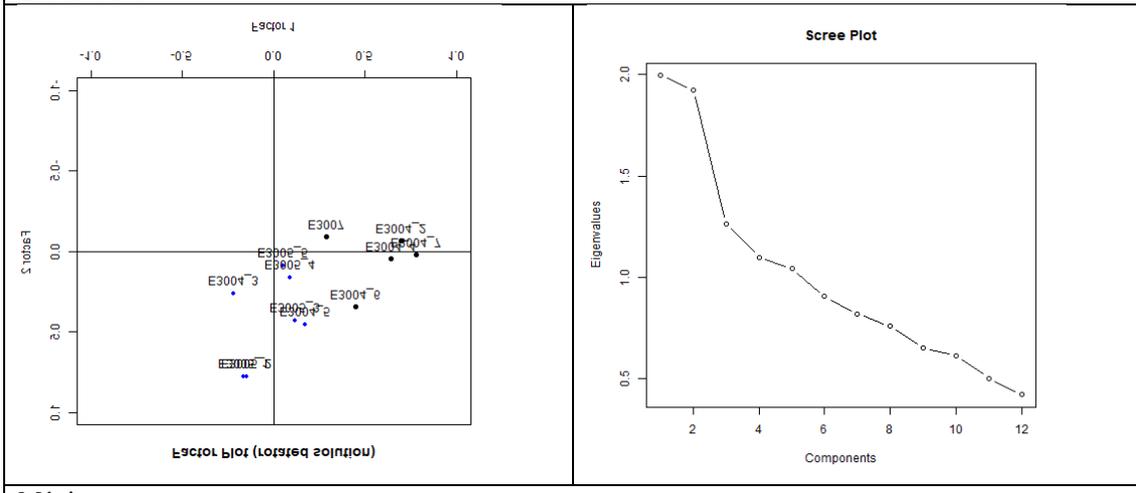




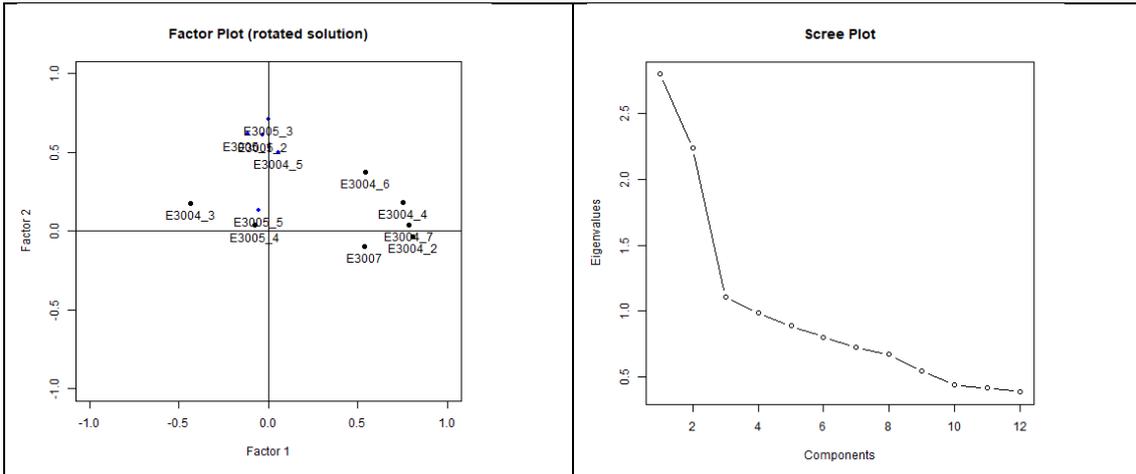
Costa Rica



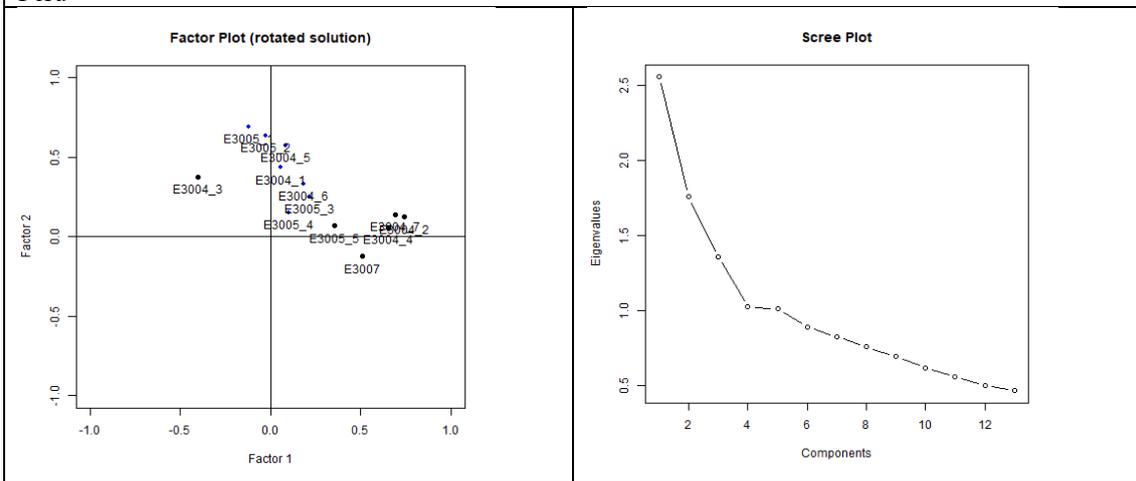
El Salvador



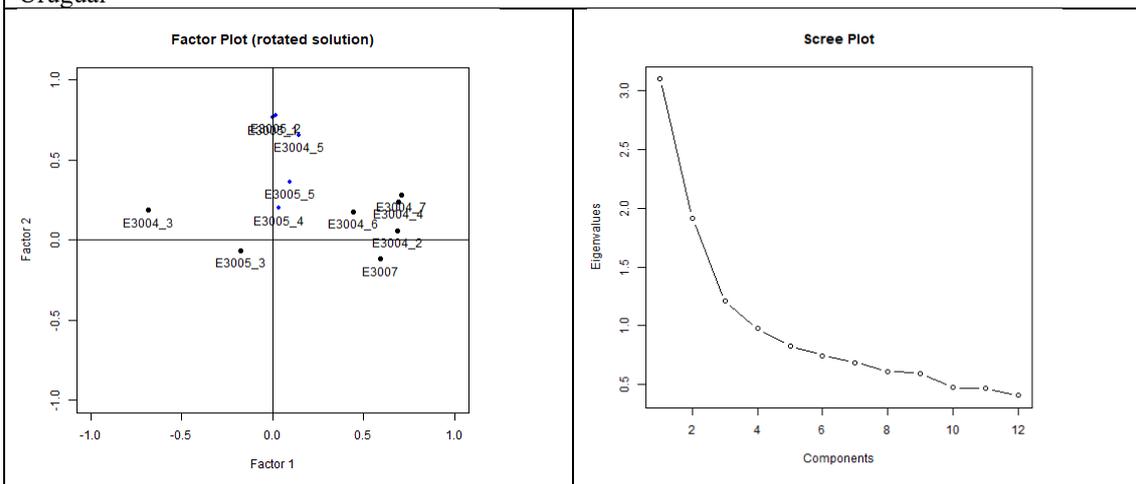
México



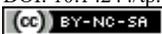
Peru

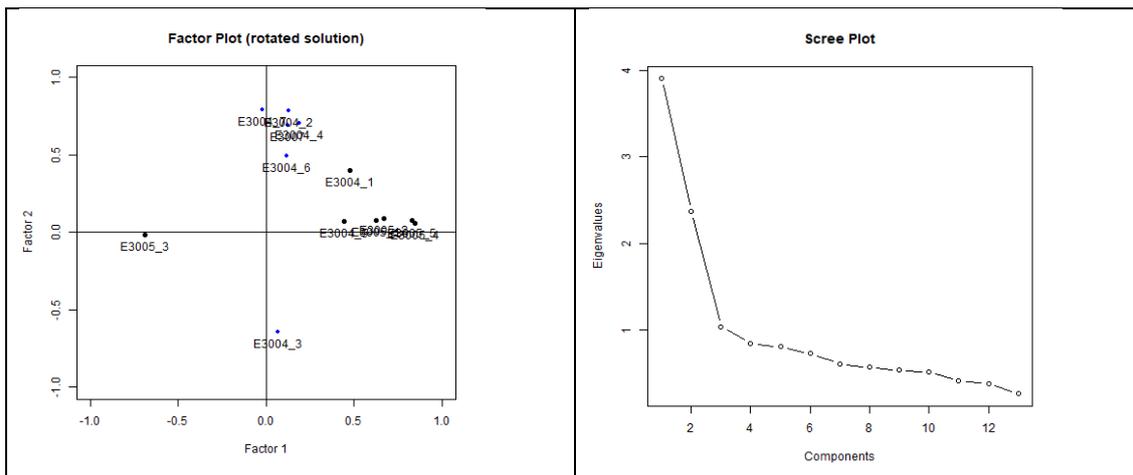


Uruguai



Estados Unidos





Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

